

Coordenadoria
do Curso de Letras



Universidade Federal
de São João del-Rei

DANIELE PATRÍCIA MATOS MACHADO

**MÍDIA, IDEOLOGIA E PODER: ASPECTOS SOCIODISCURSIVOS DA
REPRESENTAÇÃO DO ÁRABE E MUÇULMANO EM AMBIENTE MIDIÁTICO**

DEZEMBRO 2023

DANIELE PATRÍCIA MATOS MACHADO

**MÍDIA, IDEOLOGIA E PODER: ASPECTOS SOCIODISCURSIVOS DA
REPRESENTAÇÃO DO ÁRABE EM AMBIENTE MIDIÁTICO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de São João del-Rei, como
requisito parcial à obtenção do título de Licenciada
em Letras.

Ênfase: Estudos Linguísticos

Orientador: Prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo

São João del-Rei

Dezembro 2023

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador prof. Dr. Cláudio Márcio do Carmo por ter gentilmente aceitado me acompanhar neste processo tão importante. As palavras não são suficientes para reconhecer e agradecer a paciência, o carinho, as aprendizagens e as orientações ao longo do tempo, não somente veiculados ao processo de escrita desta pesquisa.

À minha mãe, Rosina, e à minha família, pelo apoio durante todo esse tempo. Sem vocês, nada disso seria possível.

Aos professores Antônio Assunção, Luciani Dalmaschio, José Antônio e Eliana Tolentino por terem feito da graduação um momento tão agradável e repleto de ganhos.

À Aline Pilad, minha professora de português do Ensino Médio, por ter despertado em mim o amor pelo curso de Letras.

À Roseane Paixão, por ter me abraçado e ensinado tanto sobre o que é ser professora.

Aos meus amigos, que tornam os dias mais bonitos e repletos de poesia.

Aos meus amores de quatro patas, Miguel e Theo.

Eu próprio não sei se este eu, que vos exponho, por estas coleantes páginas fora, realmente existe ou é apenas um conceito estético e falso que fiz de mim próprio. Sim, é assim. Vivo-me esteticamente em outro. Esculpi a minha vida como a uma estátua de matéria alheia a meu ser. Às vezes não me reconheço, tão exterior me pus a mim, e tão de modo puramente artístico empreguei a minha consciência de mim próprio. Quem sou por detrás desta irrealidade? Não sei. Devo ser alguém.

Fernando Pessoa

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar alguns textos veiculados pela mídia durante o período inicial da guerra entre a Rússia e a Ucrânia, em 2022, que de certa forma – direta ou indiretamente – remetessem ao Oriente Médio, em uma tentativa de averiguar no discurso midiático tendências socialmente construídas a partir das relações de poder e de ideologias sobre o árabe e muçulmano. Para tal, parte-se de uma revisão histórica em relação à concepção da Al-Qaeda enquanto uma organização e sobre o incidente de 11 de setembro de 2001. Ademais, discute-se sobre a dificuldade em definir o “terrorismo” e sobre o papel da mídia na criação e reprodução de estereótipos sobre o Oriente Médio. Como aparato teórico-metodológico, parte-se da Análise Crítica do Discurso (ACD) e do modelo tridimensional, propostos por Fairclough (2001), em *Discurso e Mudança Social*. Como resultado, observou-se que a mídia oferece meios para construção e perpetuação de imagens sobre determinadas regiões, culturas, povos e religiões, com base nas relações de poder e nos processos hegemônicos que ditam a sociedade. Além disso, o racismo e a xenofobia são elementos-chave para a distinção entre o *aceitável* e o *inimaginável*.

PALAVRAS-CHAVE: Análise Crítica do Discurso. Mídia. Oriente Médio. Rússia x Ucrânia.

ABSTRACT

This paper aims to analyze some media texts conveyed during the early stages of the war between Russia and Ukraine, in 2022, which in a certain way – directly or indirectly – refer to the Middle East, in an attempt to investigate patterns in the media discourse that are socially constructed based on power relations and ideologies about Arabs and Muslim people. For that, it is presented a literature review about the historical events related to the conception of Al-Qaeda as an organization and about the September 11, 2001 incident. Furthermore, this work discusses about the difficulty in defining “terrorism” and the role of the mass media in creating and reproducing stereotypes about the Middle East. As a theoretical-methodological analysis apparatus, we use the Critical Discourse Analysis (CDA) theory, by Norman Fairclough (2001), and his three-dimensional model, presented in *Discourse and Social Change*. The results of this work indicate that the media offers means for constructing and perpetuating images about certain regions, cultures, peoples and religions, based on power relations and hegemonic processes that dictate society. Moreover, racism and xenophobia are key elements in the distinction between *reasonable* and *unthinkable*.

KEYWORDS: Critical Discourse Analysis. Media. Middle East. Russia x Ukraine.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	09
1.2 Modelo tridimensional	10
1.2.1 Texto	11
1.2.2 Prática discursiva	12
1.2.3 Prática social	14
2 ANÁLISE HISTÓRICA: DA AL-QAEDA AO 11 DE SETEMBRO, SIGNIFICAÇÕES DE TERRORISMO E REPRESENTAÇÕES DO ÁRABE NA MÍDIA OCIDENTAL	16
2.1 Al-Qaeda	16
2.2 O incidente de 11 de setembro de 2001	18
2.3 Concepções sobre terrorismo: dificuldades na definição e problemáticas	21
2.4 O papel da mídia ocidental nas representações discursivas e construções imagéticas do sujeito árabe	23
3 EUROPA NO CENTRO DO CONFLITO: RÚSSIA X UCRÂNIA	30
4 MOVIMENTANDO O MODELO TRIDIMENSIONAL: REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO CONFLITO RÚSSIA X UCRÂNIA	32
4.1 Análise da prática textual	32
4.2 Análise da prática discursiva	36
4.3 Análise da prática social	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	44
REFERÊNCIAS DO <i>CORPUS</i>	46
ANEXO A – TEXTOS UTILIZADOS PARA COMPOR O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA ...	48
ANEXO B – TWEETS UTILIZADOS NA PESQUISA	51

INTRODUÇÃO

Inseridos em um contexto de globalização, no qual as informações são rapidamente reproduzidas e distribuídas para um grande número de pessoas ao mesmo tempo, questiona-se o papel da mídia ocidental em relação às representações de determinadas comunidades – sejam estas minorias¹ ou nativos de outros países – e à criação e manutenção das relações de poder, ideologias e processos hegemônicos estabelecidos há anos. Este trabalho assume uma justificativa social, tendo em vista que os discursos produzidos na mídia podem afetar negativamente a concepção de regiões, culturas, povos e religiões, e parte, principalmente, da representação dos árabes e dos muçulmanos construída pela mídia ocidental frente a conflitos, guerras e ao incidente de 11 de setembro de 2001.

Ainda que os textos selecionados para compor o *corpus* desta pesquisa estejam situados no conflito entre a Rússia e a Ucrânia e que, em alguns casos, não possuam referências diretas e explícitas ao Oriente Médio, tem-se como objetivo analisar o discurso veiculado pela mídia ocidental e identificar tendências socialmente construídas sobre o indivíduo árabe e muçulmano, a partir das relações de poder e de ideologias que perpassam gerações. Como aparato teórico, parte-se do conceito de discurso pontuado por Fairclough (2001), tendo o uso da linguagem como uma forma de prática social e não apenas como algo inteiramente individual ou como um reflexo de variáveis situacionais. Assume-se, para este estudo, a perspectiva teórica e metodológica pontuada por Fairclough (2001) em *Discurso e Mudança Social*, por meio da Análise Crítica do Discurso (ACD) e do modelo tridimensional, no qual o texto, a prática discursiva e a prática social servirão de escopo para a análise dos textos selecionados.

A pesquisa está dividida em seções. A primeira, dedica-se aos aspectos teóricos da ACD e do modelo tridimensional, proposto por Fairclough (2001). A segunda aborda contextos históricos, como a criação da Al-Qaeda e o seu percurso até se tornar uma organização empenhada em atacar os Estados Unidos; e o incidente de 11 de setembro de 2001. Discute-se, também, a dificuldade em estabelecer uma definição de “terrorismo”, que não seja guiada exclusivamente por pressupostos ideológicos, e o papel da mídia ocidental nas representações discursivas sobre os árabes e muçulmanos. A terceira seção toma como foco o conflito entre a Rússia e a Ucrânia, dando ênfase, principalmente, às motivações que levaram à guerra no início

¹ O objetivo da pesquisa não é problematizar o conceito de “minorias”, frente às críticas atuais ao termo. Parte-se, aqui, da definição pontuada em Barbalho (2005).

de 2022. Nas seções finais, têm-se as análises do ponto de vista textual, da prática discursiva e da prática social.

1 ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Resende e Ramalho (2004) identificam a Análise Crítica do Discurso (ACD) como um modelo teórico-metodológico de abordagem de múltiplas práticas na vida social. De acordo com as autoras, a ACD tem como objetivo indicar um quadro analítico que seja capaz de esquematizar as relações de poder e os recursos linguísticos utilizados por pessoas e/ou grupos sociais.

Ao se falar em ACD, mencionam-se os trabalhos realizados por Foucault (1997, 2003)² e Bakhtin (1997, 2002)³, introdutórios ao entendimento de *discurso* e *poder*. Segundo Resende e Ramalho (2006), os estudos bakhtinianos deram início à concepção da linguagem enquanto um modo de interação e produção social. Além disso, os seus estudos a respeito dos gêneros discursivos e dialogismo se tornaram fundamentais para a ACD. Já os estudos de Foucault fomentaram o princípio da linguagem como um espaço de luta hegemônica. Em meio às discussões propostas por Foucault, interessa à ACD “o aspecto constitutivo do discurso, a interdependência das práticas discursivas, a natureza discursiva do poder, a natureza política do discurso e a natureza discursiva da mudança social” (Resende; Ramalho, 2006, p. 18).

As análises em ACD movimentam-se entre o linguístico e o social, uma vez que o discurso é entendido como uma prática social. Considerando o seu caráter transdisciplinar, segundo Resende e Ramalho (2006), a ACD aplica, operacionaliza e transforma outras teorias em prol de uma abordagem sociodiscursiva. Dessa forma, categorizar o uso da linguagem enquanto prática social, de acordo com as autoras, requer pensá-lo enquanto um modo de ação situado historicamente, constituído socialmente e por meio das identidades sociais, das relações sociais e a partir dos sistemas de conhecimento e crença.

Fairclough (2001) propõe que as análises em ACD sejam baseadas na movimentação do uso da linguagem enquanto uma forma de prática social, não somente como um exercício individual ou como uma reprodução de variáveis situacionais. Assim, o uso do termo “discurso” passa a ter algumas implicações.

² FOUCAULT, M. **Vigiar e punir, história da violência nas prisões**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 2003

³ BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2002.

Primeiro, implica ser o discurso um modo de ação, uma forma em que as pessoas podem agir sobre o mundo e especialmente sobre os outros, como também um modo de representação. [...] Segundo, implica uma relação dialética entre discurso e a estrutura social: a última é tanto uma condição como um efeito da primeira. [...] **O discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado.** (Fairclough, 2001, p. 90-91, grifo nosso)

Para Fairclough (2001), é possível especificar três aspectos dos efeitos construtivos do discurso. Primeiro, o discurso contribui com a construção de ‘identidades sociais’ e ‘posições do sujeito’ referente aos ‘sujeitos’ sociais e os tipos de ‘eu’. Segundo, o discurso possibilita construir as relações sociais entre as pessoas. Terceiro, colabora a construção de sistemas de conhecimento e crença. Em complemento, Resende e Ramalho (2005, p. 28) argumentam que o discurso é “socialmente constitutivo – por meio do discurso se constituem estruturas sociais - e constituído socialmente – os discursos variam segundo os domínios sociais em que são gerados, de acordo com as ordens de discurso a que se filiam”.

Em termos de características da ACD, Resende e Ramalho (2005) apontam o caráter emancipatório como um aspecto determinante. A investigação das relações entre discurso e prática social tem como objetivo desarticular as estruturas de crenças que servem de apoio à dominação. Consonante às autoras, Melo (2009) argumenta que as análises em ACD devem assumir o caráter de recurso político contra a injustiça social, já que se tratam de estudos que se opõem às estruturas e às estratégias do discurso utilizadas pela elite. Nesse sentido, a ACD fornece meios para “ações de contrapoder e contra-ideologia a situações de opressão” (Melo, 2009, p. 9).

Fairclough (2001), em *Discurso e Mudança Social*, apresenta o modelo de análise que leva em consideração três dimensões sujeitas à análise: texto, prática discursiva e prática social. Sendo que, conforme explicitado por Resende e Ramalho (2006), a prática social e o texto pertencem à dimensão do evento discursivo, mediados pela prática discursiva, em processos de produção, distribuição e consumo do texto.

1.2 Modelo tridimensional

O modelo tridimensional, proposto por Fairclough, surge da tentativa de reunir três tradições analíticas, substanciais na análise do discurso. São elas: a tradição de análise textual e linguística; a tradição macrossociológica de análise da prática social no que se refere às estruturas sociais; e a tradição interpretativa ou microssociológica, na qual temos a prática

social como algo que é produzido ativamente e entendido a partir do senso comum que é compartilhado. Para Fairclough (2001), esta tríade pode ser concebida a partir do texto, da prática discursiva e da prática social, conforme representado no diagrama abaixo.



Figura 1 – Concepção tridimensional do discurso (Fairclough, 2001, p. 101)

1.2.1 Texto

A etapa de análise textual é composta por quatro categorias: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Respectivamente, tais itens tratam das palavras individuais; palavras combinadas em orações e frases; ligação entre orações e frases; e propriedades organizacionais de larga escala dos textos.

Em um sentido mais amplo, no que se refere à gramática, tem-se como elemento principal a oração e seus elementos. Fairclough (2001, p. 104) pontua que “toda oração é uma combinação de significados ideacionais, interpessoais (identitários e relacionais) e textuais”. Para o autor, as escolhas individuais a respeito da estrutura da oração – tome, como exemplo, orações transitivas e orações na voz passiva – são importantes para análise, pois é a partir delas que se pode perceber a influência na construção do significado em relação a identidades sociais, relações sociais e conhecimento e crença.

À estrutura textual, interessa a arquitetura do texto, principalmente as características do planejamento de diferentes tipos de texto. Como exemplo, Fairclough (2001) aponta a diferença existente entre a maneira que um texto jornalístico e uma entrevista de emprego são estruturados no seu processo de produção, no qual cada um terá uma prioridade na sua organização. É a partir dos aspectos selecionados no momento da estrutura do texto que pode ser possível

identificar as séries de conhecimentos e crenças e, também, como as relações sociais e as identidades sociais estão conectadas na arquitetura de cada tipo de texto.

Consoante com Resende e Ramalho (2004, p. 187), a parte dedicada ao estudo do vocabulário pode incluir “neologismos, lexicalizações, relexicalizações de domínios da experiência, superexpressão, relações entre palavras e sentidos”, e a coesão versa a respeito das ligações entre as frases, por meio de recursos de referência e/ou palavras pertencentes ao mesmo campo semântico.

Dentro das quatro possibilidades de análise textual, para o estudo do *corpus* desta pesquisa, optou-se por fazer um recorte com ênfase no vocabulário. Fairclough (2001) elenca três focos de análise referente ao vocabulário. O primeiro tange sobre as lexicalizações alternativas e sua relevância política e ideológica em situações de ‘relexicalização’ que fazem parte de lutas sociais e política. Como exemplo, o autor cita a relexicalização de ‘terroristas’ como ‘lutadores pela liberdade’, podendo alternar entre si a depender do contexto social e ideológico. O segundo foco recai sobre o sentido da palavra, dando ênfase à forma como os sentidos das palavras são conflitantes dentro de lutas mais amplas. Fairclough (2001, p. 105) sugere que “as estruturações particulares das relações entre as palavras e das relações entre os sentidos de uma palavra são formas de hegemonia”. O terceiro foco fundamenta-se nas metáforas particulares – sua implicação política e ideológica – e no conflito das metáforas alternativas.

1.2.2 Prática discursiva

A prática discursiva, segundo Fairclough (2001), contempla os processos de produção, distribuição e consumo textual, os quais podem variar de acordo com fatores sociais. O autor propõe que, em contextos específicos, os textos são produzidos de formas singulares, como é o caso de um artigo de jornal, que demanda uma metodologia coletiva, em etapas, na qual todos da equipe estão ativamente envolvidos, seja na busca por fontes, na adaptação em textos dessas fontes, ou a primeira versão de uma reportagem. Além disso, os contextos sociais também influenciam diretamente na forma com a qual os textos são consumidos. Nesse sentido, tanto o consumo quanto a produção podem ser individuais ou coletivos.

Com base na natureza discursiva, os textos podem exprimir resultados variáveis: “Alguns textos conduzem a guerras ou à destruição de armas nucleares; outros levam as pessoas

a perder o emprego ou a obtê-lo; outros ainda modificam as atitudes, as crenças ou as práticas das pessoas” (Fairclough, 2001, p. 108). Ademais, ainda conforme Fairclough (2001), a distribuição de um texto também pode ser de formas diferentes, seja em uma distribuição simples, como é o caso de uma conversa entre amigos, ou em uma distribuição complexa, como em pronunciamentos de líderes políticos. Em casos de distribuição complexa, o texto pode passar por adaptações até chegar ao telespectador. Vemos isso em jornais, nos quais o discurso de um político, por exemplo, chega em uma versão moldada e transformada.

Também são foco de análise da prática discursiva a força, coerência e a intertextualidade. A força de um texto, ainda conforme o autor, é o seu componente acional, considerando a ação social que realiza e os atos de fala que cumpre, tais como ordens, pedidos, ameaças e promessas.

Sobre a coerência, Fairclough (2001) indica que se trata de uma propriedade das interpretações. De acordo com ele:

Um texto coerente é um texto cujas partes constituintes (episódios, frases) são relacionadas com um sentido, de forma que o texto como um todo ‘faça sentido’, mesmo que haja relativamente poucos marcadores formais dessas relações de sentido – isto é, relativamente pouca coesão explícita [...] Entretanto, o ponto em foco é que um texto só faz sentido para alguém que nele vê sentido, alguém que é capaz de inferir essas relações de sentido na ausência de marcadores explícitos. Mas o modo particular em que é gerada uma leitura coerente de um texto depende novamente da natureza dos princípios interpretativos a que se recorre. (Fairclough, 2001, p. 113)

O autor argumenta que os textos indicam concepções para os sujeitos, de forma que eles serão capazes de assimilar e, assim, fazer as inferências possíveis, conectando as informações. Para Fairclough (2001), é possível que essas inferências e conexões estejam ancoradas em pressupostos de tipo ideológico.

Outro aspecto a se destacar na análise da prática discursiva é a intertextualidade: textos que possuem fragmentos de outros textos, sejam eles citados de forma direta ou indireta, sendo implícito ou explícito. Tais segmentos intertextuais podem ser apropriados, assimilando o conteúdo ou contradizendo.

Resende e Ramalho (2006), a respeito da intertextualidade, destacam os pressupostos teóricos de Bakhtin referente ao dialogismo e à polifonia, presentes nos textos.

Bakhtin (2002) enfatizou a dialogicidade da linguagem, postulando que textos são dialógicos em dois sentidos: primeiro, mesmo textos aparentemente monológicos, como os textos escritos, participam de uma cadeia dialógica, no sentido de que respondem a outros textos e antecipam respostas; segundo, o discurso é internamente

dialógico porque é polifônico, todo texto articula diversas vozes. (Resende; Ramalho, 2006, p. 65)

O conceito de intertextualidade, no pensar de Fairclough (2001), demonstra a produtividade dos textos. Isto é, a possibilidade de como alguns textos podem modificar textos anteriores, reestruturando os gêneros/discursos e, conseqüentemente, gerando novos textos. No entanto, trata-se de um processo ligado à hegemonia: sendo socialmente limitado, moldado pelas relações de poder.

1.2.3 Prática social

Em relação à prática social, Fairclough (2001) discute sobre discurso referente à ideologia e ao poder, situando-o em uma concepção de poder como hegemonia. Além disso, o autor destaca a ideia de evolução das relações de poder enquanto luta hegemônica. Conceitos como *ideologia* e *hegemonia* formam a base da prática social.

Fairclough (2001) parte de três asserções, recorrendo a Althusser (1971), para fundamentar a relação entre discurso e ideologia: I) a ideologia possui existência material nas práticas das instituições; II) a ideologia ‘interpela os sujeitos’; III) instituições, como a mídia, são locais e exercem funções delimitadoras na luta de classe. Para ele,

as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (Fairclough, 2001, p. 117)

De acordo com Fairclough (2001), em práticas discursivas contrastantes, veiculadas por algum domínio privado ou por alguma instituição, existe a possibilidade de que o contraste seja influenciado por ideologias. Nesse sentido, a ideologia age sobre a linguagem de múltiplas formas e níveis.

Segundo Júnior, Pinheiro e Nascimento (2020), a afirmação de Fairclough (2001) a respeito do caráter dialético do conceito de ideologia é a que mais se diferencia dos demais estudiosos. Pensando nisto, os autores destacam a posição de Fairclough (2001) ao sugerir a importância de uma educação linguística que desvende os mecanismos do discurso que agem em prol da manutenção de ideologias dominantes. Dessa forma, ainda que os produtores do

discurso não tenham consciência do processo de interpelação que foram acometidos, eles possam ter a possibilidade de se conscientizar sobre a sua própria prática.

Ao refletir sobre a indissociabilidade entre discurso e ideologia, Fairclough (2001, p. 121) sugere pensar que “as práticas discursivas são investidas ideologicamente à medida que incorporam significações que contribuem para manter ou reestruturar as relações de poder”. No entanto, para ele, é possível transcender a ideologia. Segundo o autor, tendo em vista que as ideologias se manifestam em sociedades definidas por relações de dominação – seja referente à classe, gênero social ou grupo cultural –, ao ultrapassar essas sociedades, estaremos, quiçá, superando a ideologia.

No que se refere à hegemonia, Fairclough (2001) parte dos estudos de Gramsci (1971), harmonizando com a concepção de discurso. Para ele,

Hegemonia é liderança tanto quanto dominação nos domínios econômico, político, cultural e ideológico de uma sociedade. [...] Hegemonia é a construção de alianças e a integração muito mais do que simplesmente a dominação de classes subalternas, mediante concessões ou meios ideológicos para ganhar seu consentimento. Hegemonia é um foco de constante luta sobre pontos de maior instabilidade entre classes e blocos para construir, manter ou romper alianças e relações de dominação/subordinação, que assume formas econômicas, políticas e ideológicas. (Fairclough, 2001, p. 122)

Resende e Ramalho (2006) apontam duas relações entre discurso e hegemonia, definidas por Fairclough (1997). Primeiro, é a partir das interações verbais – pautadas na dialética entre discurso e sociedade – que a hegemonia e a luta hegemônica tomam a forma da prática discursiva. Segundo, o discurso, propriamente falando, mostra-se como uma esfera da hegemonia, tendo em vista que a hegemonia de um grupo depende, parcialmente, de sua competência em criar práticas discursivas e ordens de discurso que as suportem.

Em termos gerais, Resende e Ramalho (2004) sumarizam os aspectos do texto que devem ser observados durante a análise. Na *ideologia*, temos os sentidos das palavras, as pressuposições, as metáforas e o estilo. Já no que se refere à *hegemonia*, as orientações econômicas, políticas, ideológicas e culturais compõem a categoria.

2 ANÁLISE HISTÓRICA: DA AL-QAEDA AO 11 DE SETEMBRO, SIGNIFICAÇÕES DE TERRORISMO E REPRESENTAÇÕES DO ÁRABE NA MÍDIA OCIDENTAL

Partindo do recorte selecionado para esta pesquisa, as seções seguintes buscam elucidar um pouco mais acerca da Al-Qaeda e seus fundamentos enquanto um grupo, dando destaque aos caminhos que conectam a organização aos Estados Unidos. Devido ao espaço destinado para este trabalho, nos atentamos aos eventos e discursos que, de certa forma, justificam os ataques no território norte-americano. Além disso, traz-se uma breve contextualização dos eventos do 11 de setembro e os impactos nacionais e internacionais, principalmente no que se refere a significação dos itens lexicais “*terrorismo*” e “*terroristas*”.

Esta revisão dos acontecimentos históricos é necessária para compreendermos como as representações dos árabes serão influenciadas a partir de ideologias veiculadas, principalmente, por discursos midiáticos. Assume-se, aqui, a perspectiva pontuada por Chouliaraki e Fairclough (1999)⁴ e Fairclough (2003)⁵, conforme destacado por Figueiredo (2014, p. 9), “nas sociedades contemporâneas é cada vez maior o poder da mídia, sobretudo da mídia de massas, capaz de moldar, manter ou alterar conhecimentos, crenças, valores, relações e identidades sociais, assim como de impactar governos, instituições e políticas públicas”.

2.1 Al-Qaeda

Ao se pensar nos princípios que levaram a fundação da Al-Qaeda, Blanchard (2004) aponta que as experiências vivenciadas por Bin Laden na década de 1980, atuando como coordenador de logística e financista da resistência afegã e árabe à invasão soviética do Afeganistão, podem ter proporcionado meios para a sua crença de que muçulmanos eram capazes de tomar medidas militares eficazes inspiradas por princípios islâmicos específicos. Nesse sentido, o autor argumenta que a exposição de Bin Laden aos ensinamentos dos estudiosos islâmicos da Arábia Saudita e o seu trabalho com os militantes árabes no Afeganistão forneceram uma base teológica e ideológica para a sua convicção de que havia uma necessidade

⁴ CHOULIARAKI, Lillie; FAIRCLOUGH, Norman. **Discourse in late modernity**. Edinburgo: Edinburgh University Press, 1999.

⁵ FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse: textual analysis for social research**. Londres: Routledge, 2003.

de uma reforma islâmica salafista puritana nas sociedades muçulmanas, além de existir a urgência de criar uma resistência armada frente à agressão perceptível.

Para Wright (2007), os homens que constituíam a Al-Qaeda estavam reunidos por uma filosofia tão fascinante que estavam dispostos a abdicar da própria vida por ela. Dessa forma, a base da organização era a união de dois pressupostos: “a fé é mais forte que armas ou nações, e o bilhete de ingresso para a zona sagrada onde tais milagres ocorrem é a disposição para morrer” (Wright, 2007, p. 140).

A relação de repulsa de Osama bin Laden pelos Estados Unidos pode ser percebida ao se considerar a situação dos muçulmanos na modernidade. Em tempos de conflito, o apoio norte-americano a Israel, e, conseqüentemente, contra Palestina, foi um dos motivos da aversão de Bin Laden ao país. Para ele, conforme citado por Wright (2007), era necessário que se boicotasse os produtos dos Estados Unidos, já que os norte-americanos estavam utilizando aquele dinheiro para financiar as mortes dos seus irmãos muçulmanos pelas mãos de Israel.

Wright (2007) argumenta que Bin Laden expressava um sentimento de humilhação, tendo em vista que as vidas dos muçulmanos estavam sendo desvalorizadas. Em contraste, havia a sensação de que outras vidas – neste caso, vidas ocidentais e, ainda mais especificamente, americanas – eram mais dignas e valiosas.

Naquela época, em 1989, Bin Laden, ainda conforme o autor, não era lido como um pensador político intrigante ou original. Entretanto, dado ao lugar que ocupava na sociedade saudita, seus pronunciamentos eram carregados de peso. Inserido no contexto da Arábia Saudita, no qual a expressão era restringida, as falas de Bin Laden a respeito da relação com os Estados Unidos transpareciam que existia um apoio da família real àquela campanha antiamericana que apresentara. Wright (2007) indica que não demoraria até que Bin Laden encontrasse o motivo que estava procurando para classificar os Estados Unidos como o inimigo que precisava.

A Al-Qaeda, enquanto uma organização com foco nos Estados Unidos, só tomou forma no final de 1992, a partir das decisões de Bin Laden e de seu conselheiro religioso Mamduh Salim, conhecido como Abu Hajer al-Iraqi. Segundo Wright (2007), Abu Hajer – amigo íntimo e irmão de Bin Laden – era dotado de autoridade, sendo um dos responsáveis em transformar a Al-Qaeda em uma organização empenhada em atacar os Estados Unidos – que no momento representava, para eles, o maior risco ao Islã. Dessa forma, a Al-Qaeda não se dedicaria mais exclusivamente a defender as terras muçulmanas quando ameaçadas, direcionando o seu foco à uma política de oposição ao Ocidente. Como a União Soviética e o comunismo não representavam mais perigo ao mundo islâmico, os Estados Unidos supriria essa posição, tendo

em vista que eles eram os únicos que poderiam impossibilitar a restauração do antigo califado islâmico.

De acordo com Atwan (2006), mais tarde, Bin Laden, em seu pronunciamento direcionado ao povo americano 5 dias antes das eleições de 4 de novembro de 2004, descreveu a gênese dos ataques de 11 de setembro. Nas palavras do líder da Al-Qaeda, a sua agenda contra os Estados Unidos

começou em 1982 quando os Estados Unidos permitiram que os israelenses invadissem o Líbano e a Sexta Frota dos Estados Unidos os ajudaram nesse processo [...] Eu não conseguia esquecer aquelas cenas tocantes, sangue e membros decepados, mulheres e crianças espalhados por toda parte. Casas destruídas junto aos seus moradores e arranha-céus demolidos [...] Enquanto eu olhava aquelas torres destruídas no Líbano, veio à minha mente que nós deveríamos punir o opressor da mesma forma e que nós deveríamos destruir torres nos Estados Unidos. (Bin Laden, 2004 *apud* Atwan, 2006, p. 11-12, tradução nossa)⁶

Essa aversão de Bin Laden pelos Estados Unidos, em pouco tempo, daria espaço a um dos maiores ataques bem sucedidos contra a, até então, maior potência hegemônica do mundo.

2.2 O incidente de 11 de setembro de 2001

Na manhã de 11 de setembro de 2001, quatro aviões comerciais, que partiam de Boston, Newark e Washington D.C., foram sequestrados. Dos responsáveis, segundo Holmes (2005), estavam dezenove homens jovens: quinze, da Arábia Saudita, dois dos Emirados Árabes Unidos, um do Egito e um do Líbano. Às 8:47, o primeiro avião, *Boeing 767* da *American Airlines*, atingiu a torre do norte do *World Trade Center* (WTC), em Manhattan, e às 9:05, uma segunda aeronave, *Boeing 767* da *United Airlines*, colidiu com a torre do sul. Em seguida, às 9:39, o terceiro avião, *Boeing 757* da *American Airlines*, atingiu o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos EUA. O quarto, *Boeing 757* da *United Airlines*, caiu na Pensilvânia às 10:03.

⁶No original: started in 1982 when America permitted the Israelis to invade Lebanon and the American Sixth Fleet helped them in that [...] I couldn't forget those moving scenes, blood and severed limbs, women and children sprawled everywhere. Houses destroyed along with their occupants and high-rises demolished [...] as I looked at those demolished towers in Lebanon, it entered my mind that we should punish the oppressor in kind and that we should destroy towers in America (Atwan, 2006, p. 11-12)

Segundo Holmes (2005), os aviões não foram escolhidos por acaso. Aparentemente, optou-se por tais aeronaves por dois motivos. Primeiro, supostamente, havia um número insignificante de passageiros que poderiam estar a bordo. Segundo, pela disposição de aproximadamente 37.854 litros de combustível que, no momento do impacto, transformaram os aviões em imensas bombas incendiárias. Em pouco tempo, as torres gêmeas do WTC desabaram e aproximadamente 2.750 pessoas morreram. No ataque ao Pentágono, outras 198 pessoas vieram a óbito.

Barboza (2005) aponta que os Estados Unidos entraram em estado de alerta após os ataques, evacuando edifícios públicos, como a Casa Branca, o Pentágono, o Congresso e o Capitólio, e fechando parques turísticos. Além disso, os aviões que sobrevoavam o país foram forçados a pousar no aeroporto mais próximo. O então presidente dos EUA, George W. Bush, declarou à imprensa que a investida às torres gêmeas se tratava de um ataque terrorista e que os responsáveis seriam perseguidos e punidos.

Ainda que terroristas suicidas tenham agido por décadas, usando veículos carregados de bombas para atacar construções, Holmes (2005) argumenta que o 11 de Setembro foi a primeira vez que aviões sequestrados foram usados com sucesso em ataques. Toda a ação foi cuidadosamente planejada. Além do grupo de sequestradores terem escolhido voos específicos, que possivelmente ofereceriam o menor número possível de resistência dos passageiros e a maior quantidade de combustível, eles também conseguiram carregar consigo armas letais, indetectáveis na triagem de malas. Segundo o autor, “eles não eram simplesmente fanáticos, mas fanáticos disciplinados, com paciência, capazes de executar um plano perigoso sem chamar atenção” (Holmes, 2005, p. 132, tradução nossa)⁷.

Barbosa (2002) argumenta que os eventos do 11 de setembro de 2001 são definidos e representados como uma espécie de ruptura no sistema de relações internacionais, inserindo na agenda da política mundial um novo elemento: o terrorismo. Conforme pontuado pelo autor:

Contrariamente a conflitos anteriores (Guerra do Golfo, por exemplo), em que os EUA buscaram legitimar sua ação intervencionista através de alianças estratégicas com outros países ou entidades multilaterais, o 11 de setembro, ataque direto à própria essência do “ser” americano, trouxe, na percepção que constituía uma luta entre o bem e o mal, elementos que legitimavam uma reação imediata e unilateral. A rede de apoio e solidariedade que rapidamente se construiu em torno dos EUA não foi, nesse sentido, propriamente reivindicada por aquele país, mas sim esperada como fato natural. As declarações do Presidente Bush a esse respeito (“quem não estiver com os EUA estarão contra”) são a melhor tradução dessa expectativa: em um embate como o que

⁷No original: They were not simply zealots but disciplined zealots, capable of patience, able to execute a dangerous plan without attracting attention. (Holmes, 2005, p. 132)

se delineava, os países que não se encontravam sob o império do bem só poderiam estar do lado do mal (Barbosa, 2002, p. 75).

Ainda sob a perspectiva de Barbosa (2002), tendo em vista o poder e a influência incontestável dos Estados Unidos desde a Guerra Fria, o 11 de setembro representa para o país a “descoberta” da vulnerabilidade, algo nunca antes experimentado, que deixou o país com a sensação de que jamais seria o mesmo. Nesse sentido, o autor argumenta que aspectos como a rapidez e a proporção da resposta aos ataques – entendidos como “atos de guerra” – traduzem a dimensão da comoção causada pelos ataques nos estadunidenses.

De acordo com Souza e Moraes (2014), os eventos do 11 de setembro foram responsáveis por algumas alterações nas prioridades de política externa dos Estados Unidos e de outras grandes potências, tais como a priorização da segurança. Além disso, é a partir do 11 de setembro que os Estados Unidos executaram duas grandes guerras, que influenciaram o ambiente internacional. Conforme Barbosa (2002), a resposta dos Estados Unidos aos ataques às torres gêmeas e ao Pentágono afetou várias nuances nacionais e internacionais, tais como a economia e as políticas interna, externa e de defesa dos EUA; a definição das novas prioridades do governo americano; e o apontamento do *terrorismo* e *segurança* como conceitos-chave para pautar a relação do país com outros países.

A resposta dos Estados Unidos aos ataques daquela manhã de 11 de setembro assumiu uma postura de “guerra contra o terrorismo” e os terroristas responsáveis pelos ataques, nas palavras de Bush (2001), deveriam ser perseguidos, derrotados e levados à justiça. No discurso presidencial de 26 de setembro de 2001, Bush relata que aquela situação se tratava de algo jamais vivenciado anteriormente. Para ele, os inimigos não eram capazes de reconhecer a barreira da moralidade e não possuíam consciência, por isso não havia chances de um diálogo que buscasse por entendimento de ambos os lados.

As consequências do grito de guerra de Bush não passaram despercebidas. De acordo com Saint-Pierre (2015), ainda que houvesse a intenção de recompor a confiança do cidadão norte-americano, o pronunciamento de Bush propagou em escala mundial o sentimento de insegurança e um estado de desânimo; e desmoralizou as deliberações da ONU, incitando intervenções armadas unilaterais em diversos pontos do mundo. Não obstante, Bush, ao declarar guerra ao terror

Trivializou e vulgarizou o conceito de “terrorista” que foi empregado longamente para rotular qualquer posição adversa, não apenas aos interesses dos Estados Unidos, mas também foi aproveitada a moda por muitos governantes que acharam uma excelente

oportunidade para reprimir seus adversários sem qualquer contenção moral. A ambiguidade tanto conceptual quanto jurídica é funcional àqueles que tem condições de impor sua interpretação semântica ou jurídica pela força, mas é fatal para a previsibilidade necessária que permite manter relações sociais estáveis, tanto nacionais quanto internacionais (Saint-Pierre, 2015, p. 23).

Para o nosso recorte de pesquisa, interessa as atribuições de sentido ao conceito de terrorismo e terroristas, além da ideologia que contribui para a interpretação destes significados.

2.3 Concepções sobre terrorismo: dificuldades na definição e problemáticas

Em termos acadêmicos e políticos, Souza e Moraes (2014) apontam que não existe um acordo acerca dos critérios de classificação para grupos enquanto *terroristas*. Por via de regra, considerando o seu caráter não estatal, é entendido como terrorista aquele que busca, a partir do uso de atos violentos, aterrorizar a população civil, tendo em mente objetivos políticos, ideológicos e/ou religiosos. Apesar do terrorismo ser associado a grupos jihadistas, é possível identificar vários grupos diferentes, com uma grande diversidade de ideologias, métodos e táticas, alvos e motivações. Para os autores, essa pluralidade entre os grupos dificulta a definição de terrorismo, além de prejudicar os trabalhos de inteligência que buscam identificar as possíveis ações terroristas.

Saint-Pierre (2015) elenca que a utilização de atos terroristas não é algo novo, sendo algo que acompanha o homem assim como a guerra. Para ele, desde sempre, ações terroristas são utilizadas como forma de desencorajar inimigos e, assim, facilitar a sua vitória por Estados, exércitos, grupos e indivíduos isolados. Dessa forma, o que confere o qualificativo de “novo” aos atos terroristas é a sua crescente e atual internacionalização. O autor argumenta que em um mundo onde existe uma hegemonia irrefutável, partindo de uma superpotência com interesses globais, cuja realização destes raramente se concretiza sem ferir outros, a colheita de ódio torna-se um elemento impossível de evitar. Em situações nas quais nenhuma ação diplomática se mostra como eficiente para defender os interesses daqueles que são menosprezados, e quando nenhuma organização internacional é independente e possui forças o suficiente para disseminar justiça para aqueles cujos interesses foram afetados, abrem-se as portas para que o ódio se apresente e se espalhe incontrolavelmente e, em muitas vezes, de forma irracional, norteado por seus objetivos.

Além disso, Saint-Pierre (2015) aponta a dificuldade dos exércitos convencionais frente a grandes potências. Nesse sentido, a fim de “igualar” as possibilidades, para países pobres que não conseguem acesso ao poder nuclear, resta a tática da guerrilha e as ações terroristas, porque:

as ações terroristas, pela sua simplicidade operativa, baixo custo, efeito devastador, potencial comunicativo e facilidade de internacionalização, torna-se uma alternativa tentadora para manifestar o ódio por parte de grupos fanáticos ou de expressão bélica *legítima* para grupos oprimidos ou regiões militarmente invadidas. (Saint-Pierre, 2015, p. 12, grifo do autor)

Neri (2014) argumenta que, essencialmente, a visão do terrorismo contemporâneo foi transformada a partir do 11 de Setembro. Segundo ele, isso não se deve somente ao número de mortes e pela forma que a investida foi arquitetada, mas também por ter sido um ataque direcionado à uma grande potência hegemônica que se mantém desde o final da Guerra Fria – os Estados Unidos. Em consonância com o autor, Saint-Pierre (2015) pontua que, a partir da política externa dos Estados Unidos, os atentados de 11 de Setembro se transformaram em um pivô da nova exigência mundial que buscava táticas para se combater o “terrorismo”. No entanto, tratava-se de “um terrorismo” mal definido.

Após os ataques no território norte-americano, Ferreira (2014) destaca que houve algumas mudanças no foco da política de segurança dos Estados Unidos. Apoiando-se principalmente no conceito de legítima defesa, o Afeganistão e Iraque foram alvos de ações belicistas. Para o governo americano, o Afeganistão apoiava e dava suporte a Al-Qaeda. Em relação ao Iraque, tinha-se como discurso oficial que o governo de Saddam Hussein era responsável por criar armas de destruição que, possivelmente, seriam usadas contra os Estados Unidos. Sobre esse contexto, Barbosa defende que

A resposta americana aos ataques comporta traços igualmente ideológicos: apresentada como uma reação de autodefesa interna e externa, ela é legitimada pela percepção de que os atentados constituíram um ataque ao bem pelo mal (uma simplificação quase “fundamentalista”), tendo as causas mais profundas do fenômeno do terrorismo sido pouco ou nada discutidas (política externa dos EUA para o Oriente Médio, pobreza e falta de democracia em países islâmicos etc.) (Barbosa, 2002, p. 76).

Saint-Pierre (2015) apresenta alguns aspectos importantes para pensarmos as implicações que um conceito vago e ambíguo, como é o caso de *combate ao terrorismo*, permite. Primeiro, a delimitação de uma frente internacional pautada na dicotomia do “lado do bem”, constituído por aqueles que consentem com o conceito de “terrorismo” e se colocam ao lado dos Estados Unidos, e do “lado do mal”, composto pelos rotulados “terroristas” e países

que os apoiem. Segundo, a ambiguidade de definição do inimigo e a subtaneidade de ações que podem ser destruidoras forçam os governos a ficarem em estado de alerta para manifestações nacionais do “terrorismo”. Afinal, existe a possibilidade de existir um terrorista por trás do cidadão mais comum. Terceiro, o conceito de “terrorismo” parece ser magicamente encapsulado e associado a países pertencentes ao “eixo do mal” e aliados.

Conforme explicitado até agora, percebe-se uma dificuldade na definição e conceituação do termo terrorismo. Para Ferreira,

Uma acusação de terrorismo é sempre percebida do ponto de vista do “eu” sendo atacado pelo “outro”, em que o “eu” representa o bem, e o “outro”, o mal. O simples fato de se rotular uma nação ou região como terrorista – ou apoiadora do terrorismo – carrega, em si, um caráter pejorativo, em virtude do qual certas nações e/ou regiões passam a ser percebidas como território dotados de grupos e indivíduos capazes de utilizar instrumentos violentos de afirmação do poder e que, portanto, merecem ser punidas por aqueles que estão “do lado do bem” (Ferreira, 2014, p. 49).

Além do caráter depreciativo associado à conceituação do terrorismo, Saint-Pierre (2015) ressalta que a aplicação desta palavra está sempre carregada de juízo de valor, assumindo uma postura subjetiva: o mesmo grupo pode ser terrorista para alguns e guerreiros da liberdade para outros, ainda que usem dos mesmos métodos e táticas de combate. Nesse sentido, Hamada (2003) defende que existem diferenças significativas sobre a conceituação do terrorismo em várias culturas. Nos Estados Unidos, terrorismo refere-se a qualquer ação por um grupo ou indivíduo que ameaça a hegemonia do país. Já nas outras culturas, especialmente as do Oriente Médio e da Ásia, parece que a definição de terrorismo é bem mais ampla.

2.4 O papel da mídia ocidental nas representações discursivas e construções imagéticas do sujeito árabe

De acordo com Hamada (2003), no início do século XXI, o terrorismo foi considerado pelos governos oficiais como o assunto mais importante no mundo, ganhando ainda mais atenção da mídia, da opinião pública e dos cientistas sociais após o incidente de 11 de setembro de 2001. Nesse sentido, é perceptível que a mídia se torna um meio produtivo para a criação de concepções sobre determinado grupo de pessoas a partir dos discursos criados e reproduzidos em massa. Partindo do ponto de vista que o mundo árabe é marcado por incidentes dramáticos e violentos nas últimas décadas – tome, como exemplo, Israel e Palestina –, Hamada (2003) argumenta que a mídia, ainda antes do 11 de setembro, criou e perpetuou com sucesso a ideia de que o terrorismo tem suas raízes nos muçulmanos e nos árabes.

Baseando-se em Shukri (1991)⁸, Hamada (2003) destaca um aspecto importante que deve ser levado em consideração ao pensarmos a relação entre terrorismo e mídia. Para ele, os ataques terroristas contra países ocidentais recebem bastante atenção da mídia e da opinião pública internacional, assim como das Nações Unidas e das organizações internacionais. Entretanto, quando o alvo de ataques terroristas pertence a nações menos influentes, especialmente nas regiões ocupadas Palestinas, não há tanto interesse internacional.

Ademais, Hamada (2003) enfatiza os efeitos negativos ocasionados pela representação estereotipada dos árabes na mídia ocidental. Segundo o autor, essa imagem midiática pode justificar atos de agressão contra indivíduos árabes, incluindo guerra de agressão⁹, além de pressionar a opinião pública internacional a aceitar qualquer alegação, sendo ela falsa ou verdadeira. Outro aspecto mencionado pelo autor refere-se à propagação da perspectiva da mídia estadunidense sobre os árabes na mídia europeia, sem tentativas de manter uma posição neutra, crítica e independente.

Em uma avaliação dos estudos realizados por Kamalipour (1997)¹⁰, Hamada (2003) argumenta que a violência e atos terroristas, tais como o bombardeio na cidade de Oklahoma e a explosão do avião da *Trans World Airlines* (TWA), fornecem muitas lições acerca da relação entre mídia, terrorismo e atos de violência:

Estas lições incluem a dependência da mídia no governo e vice-versa; técnicas de propagandas visando manipular a opinião pública, reforçando e globalizando imagens estereotipadas dos árabes e, então, fabricando ou alterando a percepção pública; e **as representações da mídia de pessoas, lugares e eventos se tornam percepções, e percepções se tornam realidades. Estes estereótipos ou mentalidades se tornam então as bases das interações humanas.** (Hamada, 2003, p. 104, tradução nossa, grifo nosso)¹¹

Rajagopalan (2003) também discute sobre o papel da mídia em meio a conflitos internacionais. O autor ressalta que as guerras dos dias atuais são consideradas como espetáculos, com direito a coberturas na mídia com intervalos comerciais e *replays*. A guerra dos EUA contra o Iraque é servida como ponto inicial de uma nova era: a mídia é responsável

⁸ SHUKRI, M. A. **International Terrorism: A Legal Critique**. Brattleboro, Vermont: Amana Books, 1991.

⁹ Conflitos que ocasionam a quebra da paz e da ordem internacional.

¹⁰ KAMALIPOUR, Y. R. Media images of Arabs, Muslims, and the Middle East in the United States. *In*: KAMALIPOUR, Y. R. **The Us Media and the Middle East: Images and Perception**. Connecticut: Praeger, 1997.

¹¹ No original: These lessons include media dependency on the government and vice versa; propaganda techniques aimed at manipulating public opinion, reinforcing and globalizing stereotypical images of the Arabs and manufacturing or altering public perception; and **media portrayals of peoples, places, and events become perceptions, and perceptions become realities. These stereotypes or mindsets then become the bases for human interactions.** (Hamada, 2003, p. 104, grifo nosso)

por ditar os rumos do conflito e, especialmente, as informações – que passam por camadas de censura.

Ao pensarmos nos eventos que sucederam os incidentes do 11 de Setembro, de acordo com Dorneles (2002), a mídia orientou os caminhos para a guerra, declarando-a, antes mesmo do governo. O autor cita, como exemplo, a fala do colunista William Safire, do *New York Times*, que representaria a ideologia antecipada da guerra de Bush, incluindo as possíveis eventualidades envolvendo inocentes: os adversários deveriam ser *pulverizados*, de forma a *minimizar* o risco de danos colaterais.

A imprensa pediu guerra e foi atendida. Ignorou massacres, desrespeito aos direitos humanos e às liberdades individuais, a destruição de um país miserável pela maior potência militar do planeta e deu vazão ao patriotismo como senha para a obediência ao poder. Numa guerra em que os americanos jamais combateram em solo, a mídia descreveu um conflito diferente, muito mais limpo e heróico. (Dorneles, 2002, p. 17)

Também, Rajagopalan (2003) pontua que para falar de algo, é necessário, antes, nomeá-lo. Nesse sentido, percebemos o ponto de vista no discurso jornalístico a partir do uso político de nomes próprios, e isso inclui a concepção de novos termos de designação. Este é o primeiro passo dado pela mídia a fim de influenciar a opinião pública, seja a favor ou contra, sobre personalidades e ocorrências noticiados.

Além disso, o autor reforça a importância e impacto do papel desempenhado pelos termos usados para nomear indivíduos, acontecimentos e lugares. Osama Bin Laden, após o evento de 11 de setembro de 2001, passou a ser nomeado como “*terrorist mastermind*” (“o cabeça dos terroristas”) e lido com uma figura completamente maligna em um curto período de tempo. Rajagopalan (2003) complementa que ao ser designado como terrorista, o nome Bin Laden se transformou em sinônimo do Mal. Assim, expressões como “gênio do mal” e “terrorista mais procurado do planeta” passaram a ser frequentes ao se referir a ele. Aqui entra uma analogia muito interessante apresentada por Rajagopalan (2003): se em um lado está o Eixo do Mal (Irã, Iraque e Coreia do Norte), quem está do outro lado é do Bem.

Pontuada a dicotomia entre Bem e Mal, os discursos na mídia são responsáveis para ditar os papéis nos conflitos, especialmente ao definir e acentuar quem será o vilão da história. Afinal, de acordo com Rajagopalan (2003), em uma sociedade na qual conflitos são transformados em espetáculos, tudo depende de um *script*.

Segundo Dorneles (2002), naquele momento, para a mídia toda notícia que fosse contra Bin Laden era bem-aceita. Ao final do mês de setembro, Bin Laden havia se transformado no mais cruel dos assassinos.

A transformação de Bin Laden em demônio internacional teve quatro principais facetas na imprensa: a sua crueldade e a falta de objetivos políticos, a sua formidável máquina de fazer dinheiro para o terror, a sua incrível capacidade bélica, e o exótico, diferente e assustador para nós.

Quanto à falta de objetivos políticos, a idéia sempre foi mostrar Bin Laden como um louco, um fanático religioso disposto a destruir uma civilização, alguém que não tem motivação política, mas que é movido pela inveja, pelo rancor. (Dorneles, 2002, p. 183)

A espetacularização da mídia acerca dos conflitos, além de reforçar relações de poder e hegemonia, cria representações ideológicas sobre determinadas personalidades. Partindo do *slogan* – “*É mais fácil distorcer a imagem daquilo que desconhecemos*” – utilizando por Goebbels, ministro da Informação no regime nazista, Dorneles (2002) argumenta que tal bordão ainda se mostra relevante nos dias atuais. Segundo o autor, após os ataques de 11 de setembro, ao se falar da fé muçulmana, questões como intolerância às diferenças foram frequentes, além de se negar que o fundamentalismo existe em todas as religiões. Nesse sentido, a recorrência de se enfatizar a luta do *bem* contra o *mal*, por parte do presidente Bush, ofereceu meios para a mídia satanizar o islamismo. Conforme lembrado por Dorneles (2002), alguns pressupostos ideológicos foram perpetuados graças aos discursos veiculados pela mídia. Entre eles: os terroristas foram categorizados como a “*turma de turbantes*”; os ataques foram interpretados como um ato contra a modernidade e a economia de mercado; o Islã foi classificado essencialmente como fundamentalista; e assumiu-se a ideia de que uma sociedade rica, moderna e democrática jamais seria capaz de existir por causa do Islã.

Algumas representações dos árabes nos discursos midiáticos passaram a ser rotineiras, conforme explicitado por Dorneles (2002). Por exemplo, a percepção de que os países árabes e muçulmanos são pobres, atrasados e que possuem inveja do progresso americano. Além disso, o Islã e a cultura árabe foram essencialmente representados como coisas obscurantistas e retrógradas, atribuindo aos muçulmanos uma aversão à democracia. Dessa forma, com sucesso, os discursos veiculados pela imprensa após os ataques de 11 de setembro conseguiram criar a imagem de que o Ocidente estava sendo atacado pelo Oriente Médio, repleto de seres selvagens e fanáticos.

Conforme Hamada (2001), ao falar de árabes, tem-se diferentes representações na mídia ocidental. Inicialmente, árabes eram relacionados a camelos, dançarinas e pirâmides. Entretanto, após o início do conflito árabe-israelense, com base em Ghareeb (1979)¹², o autor

¹² GHAREEB, Edmund. Comment in Arab Image in Western Media. In: The 1979 International Press Seminar, London, Howard Jones Associates, Swansea, Wales, 1979.

aponta que os árabes passaram a ser qualificados como indivíduos retrógrados, fanáticos, desonestos, fatalistas e preguiçosos. Posterior à guerra de 1967, também conhecida como a Guerra dos Seis Dias, adiciona-se à lista de concepções “líderes corruptos” e “bandos fanáticos”. Com o crescimento da Organização para a Libertação da Palestina, criou-se a imagem de terroristas fanáticos e sedentos por sangue.

Sobre as representações de árabes na mídia ocidental, Hamada menciona a fala de Abdulla Al Nowais:

nós sentimos que, na mídia de massa do Ocidente, a imagem retratada da nossa região, da nossa aspiração, das nossas ações e conquistas, é normalmente unilateral e unidimensional. Sentimos que a imagem apresentada nem sempre é compreensiva. Na verdade, acreditamos que é, em muitas vezes, hostil, baseada em distorções e na falta de conhecimento sobre nós como pessoas, sendo deliberado ou não. (Al Nowais, 1979, p. 11 *apud* Hamada, 2001, p. 7, tradução nossa)¹³.

A respeito da imagem criada e perpetuada sobre os árabes na mídia ocidental, Hamada (2001) conduziu uma pesquisa baseada nos ‘*image-makers*’ – em tradução livre, criadores de imagem – em organizações midiáticas nos Estados Unidos e na Europa. O autor define como ‘*image-makers*’ os profissionais da mídia, aqueles que são responsáveis por reunir, produzir, escrever e editar o conteúdo dos jornais e revistas ocidentais. Consequentemente, tais pessoas são responsáveis por criar estereótipos e determinadas imagens. O estudo foi conduzido de forma *on-line*, no período de janeiro a abril de 2020, e contava com cinco perguntas.

Na primeira pergunta, foram fornecidas 18 características sobre a imagem dos árabes e os entrevistados deveriam escolher aquelas que eram frequentemente usadas pelas pessoas que trabalham na mídia para descrever os árabes. O objetivo era identificar a imagem dos árabes na concepção dos “*image-makers*” ocidentais. A segunda questão tinha como objetivo testar a hipótese, proposta por Hamada (2001) em seu artigo, de que a imagem estereotipada dos árabes construída pelos “*image-makers*” ocidentais tinha uma correlação significativa com a atitude negativa deles contra os árabes. Na terceira pergunta, haviam 11 fatores que abarcavam aspectos históricos, militares, religiosos, culturais e aspectos comportamentais, além de fatores relacionados à performance da mídia e à propaganda anti-árabe que, possivelmente, podiam criar e reforçar a imagem negativa dos árabes. O objetivo desta questão era identificar os fatores que dão origem às percepções dos “*image-makers*” ocidentais sobre os árabes. A quarta tinha

¹³ No original: it is our feeling that, in the western mass media, the picture painted of our region, of our aspiration, of our actions and achievements, is often one-sided and one-dimensional. The picture presented, we feel, is not always sympathetic. Indeed, we believe it often to be hostile, based upon distortion and a lack of knowledge of us as a people, deliberate or otherwise (Al Nowais, 1979, p. 11 *apud* Hamada, 2001, p. 7)

como proposta identificar, na perspectiva dos “*image-makers*”, quais as consequências e os interesses das representações midiáticas. Já a quinta pergunta continha 4 itens dedicados à sobreposição dos árabes, muçulmanos e o Islã, buscando entender até qual ponto as imagens de cada um dos tópicos poderiam corrigir ou deturbar a imagem dos outros.

No que se refere à imagem dos árabes, as características negativas se sobressaíram às positivas. De acordo com o resultado, 85,7% dos entrevistados acreditam que os árabes são fundamentalistas; 78,6% julgam que os árabes possuem o sentimento antiocidental; 69% alegam que os árabes são anti-mulher; 69% consideram os árabes agressivos; 67,3% alegam que os árabes são contra os direitos humanos; 66,1% afirmam que os árabes são terroristas. Em contrapartida, características positivas – tais como honestos (8,9%); inteligentes (8,9%); tolerantes (5,4%) e civilizados (2,4%) – receberam porcentagens baixas.

Um outro tópico elencado na pesquisa é referente aos fatores que estão por trás da visão distorcida a respeito dos árabes. Para os entrevistados, fatores midiáticos (97%); fatores históricos (88%); fatores culturais (71,5%); a conduta árabe (69%) e a atitude de ocidentais (65,5%) contribuem para essa concepção deturpada. No que corresponde aos valores promovidos pelos árabes, 97,2% dos entrevistados acreditam que os árabes fomentam o fundamentalismo; 54,8% apontam que os árabes promovem a violência e 39,9% consideram que os árabes incentivam o terrorismo.

A partir dos dados apresentados, é possível afirmar que a construção de tais representações dos árabes na mídia não é gratuita. É perceptível que o discurso midiático é carregado de ideologia, pautado principalmente pelo viés que se julga como correto. Sobre o assunto, Sharabi (1979) argumenta que:

[A] origem da distorção da imagem dos árabes no Ocidente não é apenas ignorância, mas sim um tipo de conhecimento específico enraizado no antagonismo religioso e racial em relação aos árabes e ao Islã. Informações maiores e melhores sobre os árabes e sobre o Islã são insuficientes para resolver o problema. Afinal de contas, os fatos são, em muitos casos, meramente assimilados em seu modo de pensar pelos recipientes. E isto que é tão difícil de mudar. Uma alteração da perspectiva básica do Ocidente sobre os árabes e Islã necessita de muito mais que apenas deixar os fatos disponíveis. Certamente, para lidar com as raízes das distorções, nós temos que lidar com sionismo e o seu papel na deturpação de fatos e manipulação da verdade: mas em outro nível, nós temos que falar sobre a hostilidade e racismo – culturalmente ocidentais – nas relações de exploração e dominação do mundo árabe. (Sharabi, 1979, p. 17 *apud* Hamada, 2001, p. 8, tradução nossa)¹⁴

¹⁴ No original: [The] source of distortion of Arab image in the West is not merely ignorance, but rather a specific kind of knowledge rooted in religious and racial antagonism toward the Arabs and Islam. More and better information about the Arabs and Islam is insufficient to solve the problem. Facts after all are often merely assimilated by their recipient into his existing way of thinking. And it is this that is so hard to change. An alteration of the basic perspective of the West about the Arabs and Islam takes more than making the facts available. Certainly

Em tempos de guerra, representações como essas que colocam todos os árabes em um grande rótulo – de terroristas fanáticos e perigosos – abrem caminhos para a discriminação. Segundo Dorneles (2002), após os eventos do 11 de setembro, começou uma verdadeira caça às bruxas nos Estados Unidos. Pessoas de origem árabe tornaram-se prisioneiras, em uma busca incansável por qualquer ligação possível com os autores dos atentados. A mídia, no entanto, não tinha espaço para falar a respeito, afinal “os tempos eram de guerra, não de defesa dos direitos civis” (Dorneles, 2002, p. 139).

Em um espectro mais amplo, as representações dos árabes na mídia ocidental nas últimas décadas mostram-se muito importantes para compreender a nossa abordagem de pesquisa, ainda que esses não sejam protagonistas do conflito selecionado para o *corpus*. Na seção dedicada à análise, falaremos mais a respeito.

in dealing with the roots of distortions we will have to deal with Zionism and its role in distorting facts and manipulating truth: but on another level we have to speak of western cultural hostility and racism of relations of exploitation and domination with the Arab world. (Sharabi, 1979, p. 17 *apud* Hamada, 2001, p. 8)

3 EUROPA NO CENTRO DO CONFLITO: RÚSSIA X UCRÂNIA

Ao se pensar nos conflitos que permeiam a história dos países Rússia e Ucrânia, Aparecido e Aguilar (2022) apontam o nacionalismo, dos dois países, como principal motivação. De um lado está o nacionalismo ucraniano, com uma postura pró-ocidental, que surge a partir do desejo de que a Ucrânia fosse reconhecida como um Estado independente e não somente como um pedaço à parte de outro. Do outro lado, tem-se o nacionalismo russo, que se opõe ao Ocidente. Aqui, a Rússia demonstra resistência em aceitar a soberania da Ucrânia, acreditando que o país faz parte de si.

Mielniczuk (2006) argumenta que, em um contexto pós-URSS, a relação entre a Ucrânia e a Rússia é conflituosa em todos os aspectos, tendo em vista que existem algumas discordâncias referentes aos interesses de cada país. Em termos gerais, há a preocupação de que a Rússia possa interferir nas políticas internas da Ucrânia, por causa da minoria russa que vive em seu território; o fornecimento de petróleo (70%) e do gás natural (90%) na Ucrânia é de responsabilidade russa e, em casos de não pagamento, pode haver um corte de energia – o que levaria a Ucrânia a um caos econômico; a contribuição russa na guerra da Moldávia, dentro da fronteira ocidental da Ucrânia, como forma de indicar a disposição da Rússia para alcançar seus interesses em um “estrangeiro próximo”; a possibilidade da integração da Ucrânia à Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), que é interpretada pela Rússia como provocação; e as inquietações referentes ao estatuto de Sebastopol e da divisão da Frota do Mar Negro (FMN).

A partir de uma revisão literária, percebe-se que a história conflituosa entre os dois países perdura por vários anos. Como os textos que compõem o *corpus* desta pesquisa estão inseridos no contexto do conflito atual entre a Rússia e Ucrânia, com marco inicial de fevereiro de 2022, trataremos com mais importância os eventos que motivaram esta guerra entre estes países.

Aparecido e Aguilar (2022) destacam três elementos-chave para se pensar na crise entre a Rússia e a Ucrânia: I) expansão da OTAN, que possibilitaria uma movimentação ocidental em direção à fronteira russa; II) expansão da União Europeia, buscando inserir a Ucrânia economicamente no ocidente; III) promoção da democracia. Para Filho (2022), o fato de a OTAN estar se expandindo a áreas que faziam parte da influência Rússia – neste caso, os países do leste europeu – caracteriza-se como o cerne do conflito atual. Com este avanço, a OTAN

fica cada vez mais perto das fronteiras russas, possivelmente possibilitando com que tropas, peças de artilharia, aviões táticos estadunidenses se instalem próximo ao país.

Conforme indicado por Aparecido e Aguilar (2022), a principal preocupação da Rússia é a segurança, frente ao avanço do ocidente intermediado pela OTAN aos arredores de seu território. De acordo com os autores, a Rússia desde o século IX sofre com invasões vindas do leste e do oeste. Perceber que existe um avanço ocidental em seu entorno estratégico causa um desconforto e implica a necessidade de um olhar mais desconfiado dos russos. Dessa forma, a adesão da Ucrânia à OTAN assumiria um papel simbólico, possivelmente influenciando os países próximos a pensar que possuem a mesma alternativa. Para a Rússia, o acercamento da Ucrânia, ou de outro país ex-soviético, com o ocidente é inaceitável, pois por “um lado, elimina a capacidade da Rússia de manter uma esfera de influência ao seu redor. Por outro lado, mostra ao povo russo que outro modelo político, econômico e social é possível” (Aparecido; Aguilar, 2005, p. 5).

Em uma retrospectiva dos eventos que culminaram com a guerra entre Rússia e Ucrânia, Aparecido e Aguilar (2022) listam alguns eventos que foram responsáveis por criar faíscas entre os Estados Unidos e a Rússia, em 2021. Entre eles, o fato de Biden, em uma entrevista, concordar que Putin era um assassino; a concentração de mais de 100 mil soldados na fronteira da Ucrânia, em um momento no qual Joe Biden e seus aliados europeus encontravam dificuldades em alcançar um consenso para lidar com a situação em Moscou; e a interferência nas eleições americanas.

Os meses de janeiro e fevereiro de 2022 foram marcados por muita tensão, segundo Aparecido e Aguilar (2022). Parte-se da rota diplomática em Genebra no dia 10 de janeiro, no qual a Rússia e a OTAN percebem as suas diferenças de percepção referente à segurança na Europa, até o momento da invasão russa na Ucrânia, em 21 de fevereiro. Desde os eventos que aconteceram nesse período de tempo, pontos estratégicos na Ucrânia foram tomados pelo exército russo, como a base aérea no norte de Kiev; tropas russas avançaram pelo Norte, Sul e Leste da Ucrânia, com o objetivo de chegar a Kiev; e bombardeios ocorreram pelo território ucraniano.

4 MOVIMENTANDO O MODELO TRIDIMENSIONAL: REPRESENTAÇÕES EM TORNO DO CONFLITO RÚSSIA X UCRÂNIA

Para esta pesquisa, como *corpus*, foram selecionados alguns textos veiculados pela mídia que fizeram parte da cobertura, nas semanas iniciais, do conflito entre os países Rússia e Ucrânia, em 2022. Como critério de seleção, optou-se por textos que, de alguma forma, direta ou indiretamente, remetesse a países do Oriente Médio. Ao total, contamos com oito textos, que serão analisados a partir da perspectiva teórica e metodológica da ACD e do modelo tridimensional, proposto por Fairclough (2001), no qual o texto, a prática discursiva e a prática social servirão de escopo para este estudo.

Os textos encontram em sua integridade na seção de anexos A (ver página 48), juntamente às suas respectivas traduções – feitas somente para fins referenciais.

4.1 Análise da prática textual

Para a análise da prática textual, optou-se por uma metodologia que possibilitasse encontrar um ponto em comum entre todos os textos selecionados que compõem o *corpus* desta pesquisa. Com esse propósito, fizemos a categorização pautada no vocabulário destacando a *pessoa* e o *lugar*, como pode ser observado na tabela abaixo:

Tabela 1: Categorização do corpus em *pessoa* e *lugar*

Textos	Autor	Pessoa	Lugar
T1	Charlie D'Agata	People tried to flee the city People are hiding out in bomb shelters	This isn't a place Like Iraq or Afghanistan Relatively civilized, relatively European [...] city
T2	Daniel Hannan	They seem so like us Its people watch Netflix and have Instagram accounts War is no longer something visited upon impoverished and remote populations	Ukraine is a European country
T3	Peter Dobbie	What's compelling is looking at them , the way they are dressed. These are prosperous [...] middle-class people . These are not obviously refugees looking to get away [...]	[...] to get away from areas in the Middle East [...] trying to get away from areas in North Africa

		These are not people trying to get away from areas in North Africa They look like any European family	
T4	David Sakvarelidze	I see European people with blue eyes and blonde hair being killed. Children being killed everyday with Putin's missiles	Sem referência.
T5	Lucy Watson	Now the unthinkable has happened to them	This is not a developing third world nation . This is Europe .
T6	Mathew Wright	Sem referência.	[...] US has used [a thermobaric bomb] before in Afghanistan . [...] being used in Europe is stomach-churning.
T7	Dave Philipps	Small groups of military veterans Many are hungry for what they see as [...] An autocratic aggressor with a conventional and target-rich army	All across the United States [...] Trying to spread democracy in places that had only tepid interest in it
T8	Julia Ioffe	People [...] who are Muslim and who are of a different culture done to Europeans ? Are they going to intervene? Are they gonna keep standing back? And if they do intervene, how far are they willing to go?	To be used on people in far away Syria What is Europe gonna do [...]

Fonte: Elaboração própria

No T1, o vocábulo “*people*”, em ambas as ocorrências, refere-se aos cidadãos ucranianos que tentavam se proteger do conflito eminente, seja saindo da cidade de Kiev, na Ucrânia, ou escondendo-se em abrigos antibombas. Quanto ao lugar, é possível observar três ocorrências: a primeira em “*this isn't a place*”, na qual “*place*” seria uma referência à Europa, neste caso, especificamente à Ucrânia; a segunda, em uma menção direta a países do Oriente Médio, Iraque e Afeganistão; e a terceira, na qual “*city*” alude a Kiev.

No T2, há duas referências a pessoas já na primeira frase destacada. “*They seem so like us*”, na qual “*they*” se refere aos ucranianos e “*us*” se refere ao Reino Unido, dado que o jornal *The Telegraph* e o jornalista Daniel Hannan são britânicos. Além disso, em “*its people watch Netflix*”, o termo destacado também se refere aos ucranianos. Já a última referência, trata de maneira generalizada ao mencionar as populações remotas e empobrecidas presentes no mundo. A menção a lugar é clara, marcando a Ucrânia como um país europeu.

O T3 traz uma sequência de pronomes pessoais (*them, they e they*) e pronomes demonstrativos que funcionam como pronomes (*these e these*) como referência aos ucranianos.

Também, observa-se o uso dos substantivos “*refugees*” e “*people*” como demarcação de pessoa. Como lugar, destaca-se as menções diretas a Oriente Médio (*Middle East*) e África do Norte (*North Africa*).

No T4, temos a menção direta a pessoas europeias (*I see European people*) e crianças (*children*), referindo-se aos ucranianos que estavam sendo mortos por causa da guerra, e ao Putin, presidente da Rússia (*being killed by Putin’s missiles*). Entretanto, não há nenhuma menção direta quanto ao lugar.

No T5, o pronome pessoal “*them*” nos remete aos ucranianos, sendo a nossa única menção a pessoa. Quanto ao lugar, as duas ocorrências aparecem em uma comparação: Não se trata de uma nação de terceiro mundo (*third world nation*) e sim da Europa (*This is Europe*).

O T6 traz em si três menções distintas de lugar, sendo elas Estados Unidos (*US*), Afeganistão (*Afghanistan*) e Europa (*Europe*).

No T7, a primeira menção referente à pessoa (*small groups of military veterans*) refere-se aos estadunidenses que estão interessados em se juntar à guerra, para lutar junto a Ucrânia. Em seguida, temos uma menção mais generalizada ao utilizar o advérbio “*many*” e o pronome “*they*”. Por fim, a última menção, “*Autocratic aggressor*”, refere-se ao Vladimir Putin. Em relação ao lugar, há duas marcações: a primeira, direta, com os Estados Unidos (*United States*) e a segunda, generalizada, com “*places*”.

Por fim, no T8, tem-se na primeira ocorrência a marcação do indivíduo diferente do padrão europeu, muçulmanos e de cultura diferente (*who are Muslim and who are of a different culture*). A segunda marcação de pessoa é clara e refere-se aos cidadãos europeus. Já a terceira, em todas as quatro vezes no qual o pronome pessoal “*they*” se repete, temos uma referência aos europeus em situação de poder. No que se refere a lugar, as duas citações são diretas: Síria (*Syria*) e Europa (*Europe*).

Durante o processo de categorização, percebeu-se que dois textos não traziam de forma direta e clara menções a pessoa e lugar. Por isso, demarcamos a ausência com o código “sem referência”, no T6, para pessoa, e no T4, para lugar.

Tendo em vista que a escolha do vocabulário, em meio a vastas opções, pode variar de acordo com o meio social que o interlocutor social está inserido, salientamos alguns termos que são pertinentes à análise textual. Destaca-se a forma com a qual determinadas palavras foram utilizadas, a fim de expressar um significado, em cada um dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

No T1, Charlie D’Agata compara Kiev, uma cidade europeia, ao Iraque e ao Afeganistão, fazendo uso de um advérbio que merece destaque: “*relatively*”. Em contraste com

países do Oriente Médio, trata-se de uma cidade “*relatively civilized, relatively European*” (relativamente civilizada, relativamente europeia). Além disso, o jornalista deixa marcado que a sua opinião, possivelmente controversa para os interlocutores, foi formada “*with all due respect*” (com todo respeito) e que ele precisa escolher algumas palavras com cuidado (*I have to choose those words carefully*).

No T2, a escolha do verbo “*seem*” (parece) oferece recursos para a interpretação de um possível distanciamento entre Ucrânia e o Reino Unido. Nesse sentido, ainda que ambos países sejam europeus, os ucranianos apenas se *parecem* com os britânicos. Essas semelhanças são apontadas por algumas situações mundanas, tais como o fato de ser ter uma conta na *Netflix* e possuir conta no *Instagram* (*its people watch Netflix and have Instagram accounts*), e outras situações envoltas em ideologias, como o fato de demarcar o país como um local que as eleições são livres (*vote in free elections*) e que as pessoas têm acesso a jornais sem censura (*read uncensored newspapers*).

Referente ao T3, a princípio, destacamos a escolha do qualificativo “*prosperous*” (prósperas), utilizado para se referir as pessoas de classe média da Ucrânia que estavam tentando fugir da guerra. Em segundo lugar, destacamos “*obviously*” (obviamente), utilizado para explicitar uma suposta diferença entre europeus que tentavam fugir do conflito e pessoas que são *obviamente* refugiadas. A primeira afirmação (*These are prosperous [...] middle-class people*) abre espaço para a exposição de um contraste, *aparentemente* óbvio. São pessoas prósperas de classe média, de um país europeu, e não pessoas obviamente refugiadas de uma alguma região do Oriente Médio ainda em guerra. Assim como visto no T1, o jornalista também destaca o seu receio para escolher determinadas palavras em seu discurso (*I'm loath to use the expression*).

No T4, a expressão “*it's very emotional for me*” recebe o foco porque demarca a visão do procurador chefe da Ucrânia, David Sakvarelidze, sobre o conflito dos países europeus. Além disso, o locutor, por meio do uso do “*very*”, enfatiza o quanto aqueles eventos o afetam.

Já no T5, o qualificativo “*unthinkable*” (inimaginável) se destaca. Para Lucy Watson, as situações causadas pelo conflito não é algo que acontece na Europa, diferentemente de nações de terceiro mundo em desenvolvimento.

A escolha do vocabulário que se destaca no T6 é o uso do qualificativo “*stomach-churning*” (de revirar o estômago), demarcando a diferença entre usar bombas termobáricas no Afeganistão e na Europa.

No T7, também, se destaca um qualificativo. Neste caso, o uso de “*tepid*” (tépido) possibilita a identificação de ideologias a respeito da história dos EUA e a sua tentativa de levar a democracia a diversos lugares.

4.2 Análise da prática discursiva

Nesta seção, pretende-se analisar os textos que compõem o corpus a partir da perspectiva de produção, distribuição e consumo. A princípio, no que se refere à produção, é necessário destacar que os textos foram produzidos no início de 2022, em consonância com os eventos iniciais do conflito entre a Rússia e a Ucrânia. A partir da análise, é perceptível que discursos racistas e xenofóbicos estão intrinsicamente ligados às falas dos jornalistas europeus, ainda que, em alguns momentos, não tenha uma menção direta ao Oriente Médio ou África do Norte. Parte-se aqui, principalmente, da intertextualidade presente nos textos, em uma espécie de reprodução de discursos negativos a respeito de árabes, muçulmanos, refugiados árabes e norte-africanos, reforçando ideologias, relações de poder e hegemonia.

Destaca-se, também, que todos os textos do corpus desta pesquisa foram produzidos por pessoas brancas, entre elas norte-americanas e europeias, o que corrobora para a construção de narrativas positivas em relação aos ucranianos em situação de conflito. Cria-se, então, a perspectiva de que os eventos que estão acontecendo na Ucrânia são *inimagináveis*, que os refugiados ucranianos são *diferentes*, e a cor da pele, cultura, comportamentos e religião servem como aspectos norteadores para merecer *empatia* do resto do mundo.

Inseridos em um contexto de um mundo globalizado, no qual as informações são rapidamente disseminadas e discutidas, a distribuição de um texto pode atingir vários níveis, desde em conversas entre amigos (de forma *on-line* ou presencial) ou pela veiculação da mídia. Hoje em dia, graças ao acesso à *internet*, apenas alguns segundos são necessários para que todo o mundo possa receber a mesma informação, em tempo real. Assim, debates nas redes sociais – o *Twitter*, a título de exemplo – tornam-se possíveis de forma simultânea aos acontecimentos.

A respeito dos processos de distribuição, para esta pesquisa, parte-se primeiramente da apresentação, divulgação e veiculação dos textos (T1, T3, T4, T5, T6, T8) que compõem o *corpus* pela televisão; e dos textos T2 e T7, disponibilizados nos *sites* do *The Telegraph* e do *The New York Times*, respectivamente. Em segundo lugar, parte-se da propagação destes vídeos e artigos na *internet*, especialmente nas redes sociais, em uma tentativa de analisar o consumo destes textos, pensando nos impactos causados.

Assim que as falas dos jornalistas foram ao ar, em questão de tempo, no *Twitter* já haviam *threads* (sequências de tweets, vinculados uns aos outros, utilizadas normalmente para que pessoas possam contar algo de forma organizada e prática) com compilações sobre os posicionamentos dos jornalistas frente à cobertura da guerra entre os países europeus. Cada *tweet*, em sua grande maioria, recebeu um grande engajamento, com muitos *retweets*, curtidas e respostas. Na *thread* feita por Alan MacLeod (usuário @AlanRMacLeod), o primeiro *tweet*¹⁵ da sequência – até a data de escrita desta pesquisa – contava com 2,8 mil respostas, 59 mil *retweets*, 81 mil curtidas e 10 mil pessoas salvaram o *tweet*.

Este primeiro *tweet* selecionado por Alan MacLeod trazia a fala do procurador chefe da Ucrânia, T4 do nosso *corpus*, e alguns usuários aproveitaram o espaço para marcar a sua opinião. A seguir, colocamos alguns exemplos:

- a) Michelle BYoung, @michelle-byoung: “Racismo e antinegitude especificamente é GLOBAL. Imagina admitir que você se importa mais sobre as mortes de CRIANÇAS porque elas são loiras e têm olhos azuis como se TODAS AS CRIANÇAS, TODAS AS PESSOAS não tivessem valor?!” (tradução nossa, grifo da autora).
- b) Bint, @PalBint: “Se ao menos os Palestinos tivessem cabelos loiros e olhos azuis” (tradução nossa).
- c) Ali Reza, @Are_razaaa: “A história toda da Europa é Guerra!! Antes de qualquer pessoa, era algo deles! As guerras mundiais. Literalmente a Guerra de 100 anos. Por todo o século XX, eles [europeus] estavam lutando entre si” (tradução nossa).
- d) Jorge Amigo, @AmigoJor: “Sobre branquitude e mídia ocidental, ou sobre como algumas vidas são mais dignas de luto que outras...” (tradução nossa).

A fala do procurador chefe da Ucrânia, no entanto, não foi a única que recebeu comentários dos internautas. No quadro abaixo, selecionamos dois comentários sobre cada um dos textos que compõem o nosso *corpus*, a fim de exemplificar o consumo dos textos.

Quadro 1 – *Tweets* sob a perspectiva do consumo dos discursos

I) T1 – Charlie D’Ágata
a) Zander, @Zanderilmagno: “O que constitui a Ucrânia como civilizada e o Iraque não? História? A Ucrânia nem existia até os anos 1990 e o Iraque possui uma história que supera mais de 5000 anos. É sobre o quão rico o país é? O Iraque possui um PIB maior e um padrão de vida muito melhor que o da Ucrânia” (tradução nossa).
b) Oti, @Otikage: “O Oriente Médio não é um lugar incivilizado. É um local altamente saqueado e bombardeado por forças externas gananciosas. Este conflito está revelando tantas coisas” (tradução nossa).
II) T2 – Daniel Hannan
a) Amrit Kaur J, @JamzKaur: “Isto diz tudo. As pessoas não estão apenas inocentemente apontando que eles não esperariam que uma guerra fosse acontecer em um país europeu. Eles estão deixando bem claro que eles não têm empatia com as pessoas pretas e pessoas marrons que são vítimas de guerra na mesma medida que eles têm empatia pelas pessoas brancas” (tradução nossa).
b) Karina, @KARLNAPRINT: “Então, se as pessoas não têm contas no Instagram ou na Netflix, a guerra é boa e justificável?” (tradução nossa).
III) T3 – Peter Dobbie
a) Aya M. Waller-Bey, @Aya__Marie: “Como um refugiado se parece?” (tradução nossa).

¹⁵ Ver seção de Anexo B – *Tweets* utilizados na pesquisa

b) Martinney, @themartinny: “Você achou que refugiados nasceram para serem refugiados? Tenho certeza que muitos refugiados que estão fugindo de qualquer lugar de conflito eram pessoas prósperas, de classe média e educadas. A única diferença entre nós e eles é sorte” (tradução nossa).

IV) T5 – Lucy Watson

a) failedevolution, @failedevolution: “Então, os propagandistas ocidentais admitem isto. Se for uma nação de terceiro mundo, não tem problema bombardeá-los intensamente até que não reste nada, assim como os imperialistas ocidentais fizeram no Iraque, na Líbia, no Afeganistão. Não é como se ainda tivéssemos dúvidas, mas obrigado pela confirmação” (tradução nossa).

b) Maria Mesa, @mariacwcf: “É com isso que nós temos que lutar todos os dias. O valor que é dado às vidas humanas depende da cor de sua pele” (tradução nossa).

V) T6 – Matthew Wright

a) exTeacherLady, @zayehalo: “Leia-se: Europeus são mais humanos que os Afegãos” (tradução nossa).

b) paraver, @paravertudo: “Bomba má e bomba boa. O racismo e a xenofobia estão normalizados e aceites”.

VI) T7 – Dave Phillipps

a) Roger Kaplan, @roger_kaplan: “Arrogância do @nytimes (& da mídia estadunidense), como já era de se esperar. 1. Primeiro, nós somos: DANN – Democracia Apenas no Nome. 2. Segundo, nós NÃO “levamos democracia”. Nós implantamos regimes que nos apoiam e nos dão acesso ao óleo, minerais, etc. (tradução nossa).

b) Utkarsh, @Saffronwing1: “Vergonhoso... mas já era de se esperar do @nytimes racista” (tradução nossa).

VII) T8 – Julia Ioffe

a) Jabroni, @minarchis1: “Vidas importam mais ou menos dependendo de geografia e nacionalidade” (tradução nossa).

b) Nimco_Shiek, @Ashton_Nuur: “@cnn transmitindo que vidas europeias devem receber um tratamento diferenciado de pessoas marrons e pretas”. (tradução nossa)

Fonte: Elaboração própria

O debate nas redes sociais também contou com a opinião de profissionais árabes (tais como jornalistas, gerentes jurídicos e diretores de conselho) que destacaram o racismo na fala dos jornalistas europeus. Na matéria “*Journalists’ racist comments towards Arabs and Afghans spark online uproar*”¹⁶, o jornal *Arab News* (2022) apontou alguns destes comentários feitos no *Twitter*. Aqui, temos uma perspectiva de profissionais árabes sobre o consumo dos textos. Referente à fala de Charlie D’Agata (T1), a jornalista egípcia Suzanne Gaber comentou: “Lembrete diário aos meus companheiros jornalistas: O racismo casual com os árabes e muçulmanos não precisa ser incluído na sua reportagem sobre a Ucrânia” (tradução nossa). Ainda sobre a mesma fala, o diretor do conselho para o Entendimento Árabe-Britânico, Chris Doyle, comentou: “Onde é muito civilizado e onde é incivilizado? Tem algum tipo de critério? Vergonhoso” (tradução nossa). Já o gerente jurídico da Palestina, Rohan Talbot, tweetou: “Não consigo acompanhar os exemplos de racismo nos comentários da mídia sobre a Ucrânia. Os ucranianos deslocados pela agressão do Putin são merecedores do nosso cuidado unicamente com base na sua humanidade. Assim como os sírios, afegãos, rohingyas, palestinos, e todas as outras pessoas que estão fugindo da guerra e da opressão” (tradução nossa).

O consumo, é claro, não se destinou apenas ao debate nas redes sociais. Sales (2023), em seu artigo “*The Refugee crisis’ double standards: Media framing and the proliferation of*

¹⁶ Comentários racistas dos jornalistas sobre os Árabes e Afegãos causa alvoroço online (tradução nossa)

positive and negative narratives during the Ukrainian and Syrian Crisis”, discute o contraste entre as respostas políticas referente à crise de refugiados ucranianos e sírios, promovido pela mídia através do compartilhamento de narrativas positivas e negativas. O autor argumenta que a mídia exerce um papel importante na percepção das crises, dando destaque a determinados aspectos e ignorando outros, enquanto, ao mesmo tempo, contribui para a criação de narrativas negativas ou positivas sobre determinado assunto. Nesse sentido, Sales (2023) aponta algumas falas de jornalistas europeus que contribuíram para proliferar uma narrativa positiva sobre os refugiados ucranianos. São elas: a fala de Daniel Hannan (T2), Charlie D’Agata (T1) e Peter Dobbie (T3). Para Sales (2023), através da comparação entre refugiados europeus e refugiados sírios, a cobertura da mídia contribui para a criação da narrativa de que é necessário proteger os refugiados ucranianos porque eles são parecidos com os europeus, agem como europeus e possuem valores culturais e democráticos similares. Em contrapartida, a criação desta narrativa positiva sobre os ucranianos surge a partir da discriminação, em uma comparação com refugiados de origens, raças e culturas diferentes; como é o caso das pessoas do Oriente Médio e da África do Norte.

Ainda que as pessoas estejam inseridas em um contexto de fácil acesso à informação, por causa da globalização e da facilidade de acesso à *internet*, discursos reproduzidos pela mídia, como estes escolhidos como *corpus*, são preocupantes. Principalmente quando se parte da categorização de árabes, muçulmanos e norte-africanos como sujeitos não-merecedores de empatia em situações de conflito, reforçando estereótipos negativos, como é o caso de entender todos os árabes e muçulmanos como terroristas. Além disso, tais discursos oferecem meios para reforçar a ideia de que pessoas brancas (neste caso, europeias) são melhores que pessoas marrons, pretas ou indígenas; tendo em vista que se trata de brancos que compartilham de aspectos mundanos, como ter uma conta no *Instagram* e na *Netflix*, e que *jamais* seriam capazes de atos violentos, como as pessoas do Oriente Médio.

4.3 Análise da prática social

Frente à análise do texto e da prática discursiva, esta seção tem como objetivo observar e destacar os processos ideológicos e hegemônicos presentes nos textos que compõem o nosso *corpus*. Algumas das colocações a seguir já foram introduzidas, brevemente, nas seções anteriores e serão aprofundadas aqui.

No T1, Charlie D'Agata, em sua fala, reproduz a ideologia que marca a indissociabilidade entre guerras e países do Oriente Médio, como Iraque e Afeganistão. Para ele, o fato de pessoas serem obrigadas a fugir de Kiev, para evitar o conflito, é chocante, afinal trata-se de uma cidade “*relatively civilized, relatively European*” (relativamente civilizada, relativamente europeia). Além disso, com a escolha do vocabulário, tem-se a possibilidade de interpretação de uma reprodução ideológica de que cidades e/ou países do Oriente Médio não são civilizados. Ademais, o fato de os ucranianos precisarem fugir do país, nas palavras do jornalista, é algo que você não esperaria ou desejasse que fosse acontecer (*where you wouldn't expect that or hope that it's going to happen*). Aqui, destaca-se um aspecto ideológico importante: pessoas brancas, neste caso europeias, não podem ser alvos de conflitos, dado a sua posição e dominação política na história mundial. Quando isso ocorre, é acompanhado de sentimentos que caracterizam a situação como absurda, inimaginável, conforme é colocado por Lucy Watson (T5): “*Now the unthinkable has happened to them. This is not a developing third world nation. This is Europe*” (Agora, o inimaginável aconteceu com eles. Isto não é uma nação de terceiro mundo em desenvolvimento. Isto é a Europa).

Ainda a respeito de ideologia, os textos T2, T3 e T4 trazem perspectivas semelhantes: as características físicas, aspectos culturais e coisas cotidianas condicionam a empatia que o restante da população deve sentir. No T2, Danniell Hannan destaca que os ucranianos são tão parecidos com eles, britânicos, porque possuem contas no *Instagram* e na *Netflix*. No T3, Peter Dobbie destaca a forma com a qual os ucranianos estão vestidos, demarcando a diferença entre pessoas que são *obviamente* refugiadas (sírios e palestinos, por exemplo) e as pessoas da Ucrânia: trata-se de indivíduos prósperos de classe média, os quais você não esperaria ver em uma situação parecida. No T4, David Sakvarelidze destaca as características físicas: são pessoas loiras e de olhos azuis, por isso a situação é tão chocante.

Tais textos nos fornecem artifícios produtivos para se pensar na ideologia que é passada em gerações com o decorrer do tempo, demarcando que o branco não deveria sofrer com guerras, fundamentada principalmente nos processos hegemônicos. A situação na qual se encontra a Ucrânia é tão chocante e emocionante, porque se trata de pessoas brancas, loiras e de olhos azuis. De acordo com o posicionamento dos jornalistas, estar em situação de guerra, precisando fugir do país, não é algo que se espera de pessoas brancas, que são tão parecidas com os demais europeus, e sim de pessoas do Oriente Médio e da África do Norte (T3). Refugiados têm cor, e essa cor não é a branca.

Além disso, outro aspecto ideológico presente na fala de Danniell Hannan (T2) refere-se ao fato de mencionar que os ucranianos votam em eleições livres e leem jornais sem censura

(*vote in free elections and read uncensored newspapers*), possibilitando relacionar com os discursos de que países do Oriente Médio vivem sob censura, impossibilitados de votar livremente ou de ler jornais que não foram adulterados. Ainda sobre questões ideológicas, o T7 apresenta uma postura semelhante ao T2, destacando a questão da democracia. Dave Philipps, em seu artigo destaca uma ideologia recorrente: os Estados Unidos levam democracia aos lugares especialmente aos lugares que, para eles, não demonstram tanto interesse. Com a sua fala, “*After years of serving in smoldering occupations, trying to spread democracy in places that had only a tepid interest in it, many are hungry for what they see as a righteous fight to defend freedom against an autocratic aggressor*”, reforça a ideia de que os Estados Unidos agem apenas com o desejo de tornar os demais países democráticos, baseando-se na sua concepção de democracia, sem ter nenhuma segunda intenção.

Por fim, os textos T6 e T8 colocam destaque na aceitação do uso de armas de destruição em massa, como é o caso de gás Sarin e da bomba termobárica, quando os alvos são países do Oriente Médio – Síria e Afeganistão –, mas quando o alvo se trata de algum país europeu, a situação se torna preocupante, ou de revirar o estômago (*stomach-churning* – T6).

Conforme pontuado até aqui, torna-se claro as posições ideológicas assumidas pela mídia ocidental durante a cobertura da guerra entre a Rússia e a Ucrânia. Ainda que, em alguns casos, não se faça uma menção explícita às pessoas do Oriente Médio, tais discursos – em um contexto de globalização, no qual as notícias rapidamente se espalham – reproduzidos marcam o racismo e a xenofobia contra pessoas árabes, muçulmanas e norte-africanas. Além disso, reforçam a ideologia de que pessoas brancas são mais dignas de empatia que as demais. Uma análise crítica, nesse sentido, é importante, pois fornece meios para discutir e problematizar determinadas representações discursivas veiculadas pela mídia. Ainda que as relações de poder e os processos hegemônicos operem pela invisibilidade de outras regiões, culturas, religiões e pessoas, é necessário olhar por uma outra perspectiva. Dessa forma, os árabes poderão ser reconhecidos por sua cultura e não mais categorizados como terroristas, fanáticos, fundamentalistas e retrógados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como observado nas seções dedicadas às análises do texto, da prática discursiva e da prática social, ainda que árabes e muçulmanos não sejam protagonistas dos conflitos em andamento, a imagem concebida pela mídia ocidental sobre esses indivíduos ainda é tomada como um norteador ao se falar de situações de guerra. O uso de qualificativos negativos para se falar do Oriente Médio – *retrógados, fatalistas, fundamentalistas e agressivos*, por exemplo – em discursos veiculados pela mídia contribuem para reforçar estereótipos e ideologia, fundamentados principalmente por processos hegemônicos. Dessa forma, árabes e muçulmanos, *agora indissociáveis*, estarão, em sua grande maioria, ligados ao terrorismo e entendidos como terroristas. A revisão dos eventos históricos relacionados ao incidente de 11 de setembro de 2001 – um ataque bem sucedido direcionado à maior potência hegemônica do mundo, os Estados Unidos – com ênfase nas ações da mídia ocidental mostra não somente a influência da mídia em ditar o andamento dos eventos e a sua possibilidade de contar a história apenas a partir do seu ponto de vista, como também a facilidade de propagar e tomar como verdade absoluta algumas representações sobre determinados povos, regiões, culturas e religiões.

Em consonância com a ideologia que perpassa gerações, ao se colocar a Europa – continente predominantemente composto por pessoas brancas – no centro de conflitos, os discursos atribuem à situação o caráter do absurdo, do inimaginável. Ao se pensar nos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa, é perceptível que os discursos ainda associam guerras a países do Oriente Médio ou do Norte da África. Assim, discursos se repetem, em uma tentativa de justificar a empatia: “*são pessoas brancas, loiras e com olhos azuis*”, “*não se trata de pessoas que são obviamente refugiadas*”, “*a ideia de usar bombas termobáricas na Europa é de revirar o estômago*”. Cria-se, então, uma linha divisória pautada essencialmente em questões raciais, que destaca os privilégios de uma vida tranquila e longe de conflitos que, até então, só poderia pertencer a pessoas brancas.

Por transitar entre o linguístico e o social, a ACD, proposta por Fairclough (2001), oferece recursos para analisar as relações de dominação, as ideologias e a hegemonia que fundamentam os discursos veiculados pela mídia ocidental sobre árabes, muçulmanos e norte-africanos em contraste com estadunidenses e europeus, como é o caso deste estudo. Com base nas ideias tecidas até aqui, o racismo e a xenofobia são utilizados como parâmetro nos discursos veiculados pela mídia, submetendo o Oriente Médio a uma posição subalternizada, na qual se distinguem as pessoas que não merecem sofrer com ações bélicas, graças aos seus traços

brancos, região que habita, culturas e religião, das demais. Posto isso, torna-se mais fácil identificar o problema dos discursos produzidos e distribuídos pela mídia sobre determinados indivíduos.

Dessa forma, ao se posicionar contra as ideologias que moldam a sociedade, torna-se possível a criação de um espaço que favoreça as mudanças sociais e que permita que as pessoas tenham uma postura crítica e, quiçá, independente. Nesta conjuntura, o Oriente Médio, possivelmente, deixará de ser apenas um cenário de guerra e passará a ser reconhecido por sua riqueza de tradições, costumes e cultura.

REFERÊNCIAS

- APARECIDO, Julia Mori; AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz. A guerra entre a Rússia e a Ucrânia. *In: AGUILAR, Sérgio Luiz Cruz (Ed.). Série Conflitos Internacionais*, v. 9, n. 1. Marília: OCI, 2022.
- ATWAN, Abdel Bati. **The secret history of al Qaeda**. Los Angeles: Saqi books, 2006.
- BARBALHO, Alexandre. **Cidadania, minoria e mídia: comunicação e cultura das minorias**. São Paulo: Paulus, v. 1, p. 27-39, 2005.
- BARBOSA, R. Os Estados Unidos pós-11 de setembro de 2001: implicações para a ordem mundial e para o Brasil. **Revista brasileira de política internacional**, Brasília, v. 45, n. 1, jan.-jun. 2002.
- BARBOZA, Alexandre Monteiro. **Imprensa histórica, informação prejudicada**. Uma análise da cobertura carioca no 11 de setembro. Rio de Janeiro: Armazém Digital, 2005.
- BLANCHARD, Christopher M. Al Qaeda: Statements and evolving ideology. **Al-Qaeda: An Organization to be reckoned with**, p. 11-28, 2004.
- BUSH, G. W. **Remarks at signing of the Patriot Act**. 26 Oct. 2001. Disponível em: <https://www.govinfo.gov/content/pkg/PPP-2001-book2/pdf/PPP-2001-book2-doc-pg1306.pdf> Acesso em 26 set 2023.
- DORNELES, Carlos. **Deus é inocente: a imprensa, não**. São Paulo: Editora Globo, 2002.
- FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora UnB, 2001.
- FERREIRA, M. A. S. V. Panorama da política de segurança dos Estados Unidos após o 11 de Setembro: O espectro neoconservador e a reestruturação organizacional do estado. *In: SOUZA, André de Mello et al (org). Do 11 de Setembro à Guerra ao Terror: reflexões sobre o terrorismo no século XXI*. Brasília: Ipea, 2014.
- FIGUEIREDO, Débora de Carvalho. Em busca do corpo 'ideal': A mídia e o Gozo pelo consumo. *In: MAGALHÃES, Izabel; CAETANO, C. J. M.; BESSA, Décio. Pesquisas em análise de discurso crítica*. Covilhã: LabCom, 2014.
- FILHO, Paulo Mendes. Conflito entre Rússia e Ucrânia: Quais os interesses de cada um?. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 8, n. 3, p. 1771-1778, 2022.

HAMADA, Basyouni Ibrahim. Media, Violence and Terrorism in the Arab World. In: BOAFO, S. T. K; COUDRAY, S. **Media: violence and terrorism**. Paris: UNESCO, 2003. p. 101-106.

HAMADA, Basyouni Ibrahim. The Arab image in the minds of western image-makers. **The Journal of International Communication**, v. 7, nº 1, p. 7-35, 2001.

HOLMES, Stephen. Al-Qaeda, September 11, 2001. In: GAMBETTA, Diego. **Making sense of suicide missions**. New York: Oxford University Press Inc., 2005.

JOURNALISTS' racist comments towards Arabs and Afghans spark online uproar. **Arab News**, 2022. Disponível em: <https://www.arabnews.com/node/2033121/media> Acesso em 15 abril 2022.

JÚNIOR, Antonio Soares da Silva; PINHEIRO, Gustavo Cândido; NASCIMENTO, Iara de Souza. Ideologia. In: IRINEU, Lucineudo Machado *et al.* (org.) **Análise de Discurso Crítica: conceitos-chave**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.

MELO, Iran F. Análise do Discurso e Análise Crítica do Discurso: desdobramentos e intersecções. **Letra Magna** (Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura), [S.l.], ano 5, n. 11, 2 sem. 2009.

MIELNICZUK, Fabiano. Identidade como fonte de conflito: Ucrânia e Rússia no pós-URSS. **Contexto internacional**, v. 28, p. 223-258, 2006.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. **Análise de discurso crítica**. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica, do modelo tridimensional à articulação entre práticas: implicações teórico-metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, v. 5, n. 1, p. 185-208, 2004.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane C. Vieira Sebba. Análise de discurso crítica: uma reflexão acerca dos desdobramentos recentes da teoria social do discurso. **ALED/Revista Latinoamericana de Estudios del Discurso**, v. 5, n. 1, p. 27-50, 2005.

SAINT-PIERRE, Héctor Luis. 11 de Setembro: do terror à injustificada arbitrariedade e o terrorismo de Estado. **Revista de Sociologia e Política**, v. 23, p. 9-26, 2015.

SALES, Matías Ibañez. The refugee crisis' double standards: media framing and the proliferation of positive and negative narratives during the Ukrainian and Syrian crises. Policy Brief. Barcelona: Euromesco, 2023.

SOUZA, André de Mello e; MORAES, Rodrigo Fracalossi de. A relevância do terrorismo na política internacional contemporânea e suas implicações para o Brasil. In: SOUZA, André de Mello *et al* (org). **Do 11 de Setembro à Guerra ao Terror**: reflexões sobre o terrorismo no século XXI. Brasília: Ipea, 2014.

WRIGHT, Lawrence. **O vulto das torres**: A Al-Qaeda e o caminho até o 11/9. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

REFERÊNCIAS DO *CORPUS*

ARAB NEWS. 'European people with blue eyes and blonde hair killed' what a BBC interviewee commented. Youtube, 01 mar 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=pU-8gKaUO_Y&ab_channel=ArabNews Acesso em 13 out 2022.

CAIRNational. Full Video: Context of CNN Guest Julia Ioffe's Quote on Use of Russian Chemical Weapons in Ukraine. Youtube, 17 mar 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DhE_QmjUORM&ab_channel=CAIRNational Acesso em 13 out 2022.

CBS NEWS. Russia closes in on Kyiv with more explosions reported across Ukraine overnight. Youtube, 25 fev 2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CXYrbCCErSo&ab_channel=CBSNews Acesso em 13 out 2022.

HANNAN, Daniel. Vladimir Putin's monstrous invasion is an attack on civilisation itself. **The Telegraph**, 2022. Disponível em: <https://www.telegraph.co.uk/news/2022/02/26/vladimir-putins-monstrous-invasion-attack-civilisation/> Acesso em 13 out 2022

IBRAHIM, Arwa. More of this. 'Now the unthinkable has happened to them. This is not a developing third world nation. This is Europe'. Mena, 27 fev 2022. Twitter: @arwaib. Disponível em: <https://twitter.com/arwaib/status/1497901710827835398> Acesso em 13 out 2022.

MACLEOD, Alan. 10. Star UK media personality Matthew Wright on ITV's flagship show, "This Morning". 4 mar 2022. Twitter: @AlanRMacLeod. Disponível em: <https://twitter.com/AlanRMacLeod/status/1499880226922319873> Acesso em 13 out 2022.

MACLEOD, Alan. 3. Al-Jazeera. "What's compelling is looking at them, the way they are dressed. These are prosperous, middle-class people. These are not obviously refugees trying to get away from the Middle East...or North Africa. They look like any European family that you'd live next door to". 27 fev 2022. Twitter: @AlanRMacLeod. Disponível em: <https://twitter.com/AlanRMacLeod/status/1497976546170216448> Acesso em 13 out 2022.

PHILIPPS, Dave. 'I Just Can't Stand By': American Veterans Join the Fight in Ukraine. **The New York Times**, 2022. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2022/03/05/us/american-veterans-volunteer-ukraine-russia.html> Acesso em 13 out 2022.

ANEXO A – TEXTOS UTILIZADOS PARA COMPOR O *CORPUS* DA PESQUISA

Texto 01

Charlie D'Agata – CBS News: Tens of thousands of people tried to flee the city and there will be many more. People are hiding out in bomb shelters. But this isn't a place, with all due respect, like Iraq or Afghanistan, that has seen conflict raging for decades. You know, this is a relatively civilized, relatively European – I have to choose those words carefully, too – city where you wouldn't expect that or hope that it's going to happen.

Dezenas de milhares de pessoas tentaram fugir da cidade e muitas ainda irão. As pessoas estão se escondendo em abrigos antibombas. Mas este não é um lugar, com todo respeito, como o Iraque ou Afeganistão, que têm vivenciado conflitos por décadas. Sabe, esta é uma cidade relativamente civilizada, relativamente europeia – eu tive que escolher essas palavras com cuidado também – que você não esperaria ou desejasse que fosse acontecer. (tradução nossa)

Texto 02

Daniel Hannan – The Telegraph: They seem so like us. That is what makes it so shocking. Ukraine is a European country. Its people watch Netflix and have Instagram accounts, vote in free elections and read uncensored newspapers. War is no longer something visited upon impoverished and remote populations. It can happen to anyone.

Eles se parecem tanto conosco. E isso é o que torna tão chocante. A Ucrânia é um país europeu. As pessoas assistem Netflix e têm contas no Instagram, votam em eleições livres e leem jornais não censurados. A guerra não é mais algo que acontece apenas em populações empobrecidas e remotas. Pode acontecer com qualquer um. (tradução nossa)

Texto 03

Peter Dobbie – Al Jazeera English: What's compelling is looking at them, the way they are dressed. These are prosperous... I'm loath to use the expression ... middle-class people. These are not obviously refugees looking to get away from areas in the Middle East that are still in a big state of war. These are not people trying to get away from areas in North Africa. They look like any European Family that you would live next door to.

É comovente olhar para eles, o jeito que estão vestidos. Essas são pessoas prósperas... Estou relutante em usar essa expressão... de classe média. Essas [pessoas] não são obviamente refugiadas tentando escapar de regiões do Oriente Médio que ainda estão em um grande estado

de guerra. Elas não estão tentando fugir de lugares da África do Norte. Essas pessoas se parecem com qualquer família europeia de quem você seria vizinho. (tradução nossa)

Texto 04

David Sakvarelidze – Procurador chefe da Ucrânia: It's very emotional for me because I see European people with blue eyes and blonde hair being killed. Children being killed everyday with Putin's missiles.

É muito emocionante para mim porque eu vejo pessoas europeias com olhos azuis e cabelo loiro sendo mortas. Crianças sendo mortas todos os dias com os mísseis do Putin. (tradução nossa)

Texto 05

Lucy Watson – ITV News: Now the unthinkable has happened to them. This is not a developing third world nation. This is Europe.

Agora o inimaginável aconteceu com eles. Isto não é uma nação de terceiro mundo em desenvolvimento. Isto é a Europa. (tradução nossa)

Texto 06

Matthew Wright – programa ‘This Morning’ da ITV: To be fair the US has used [a thermobaric bomb] before in Afghanistan. But the idea of it being used in Europe is stomach-churning.

Para ser justo, os Estados Unidos usaram [uma bomba termobárica] uma vez no Afeganistão. Mas a ideia de usar na Europa é de revirar o estômago. (tradução nossa)

Texto 07

Dave Philipps – The New York Times: All across the United States, small groups of military veterans are gathering, planning and getting passports in order. After years of serving in smoldering occupations, trying to spread democracy in places that had only a tepid interest in it, many are hungry for what they see as a righteous fight to defend freedom against an autocratic aggressor with a conventional and target-rich army.

Em todo território dos Estados Unidos, pequenos grupos de militares veteranos estão se juntando, planejando e colocando os passaportes em ordem. Depois de anos servindo em trabalhos ardentes, tentando levar a democracia a lugares que possuíam apenas um interesse

morno por ela, muitos estão famintos por aquilo que eles consideram como uma luta justa para defender a liberdade contra um agressor autocrático com um exército convencional e rico em alvos. (tradução nossa)

Texto 08

Julia Ioffe – CNN: You know, it's one thing for sarin gas to be used on people in faraway Syria, who are Muslim and who are of a different culture. What is Europe gonna do when it's on European soil, done to Europeans? Are they going to intervene? Are they gonna keep standing back? And if they do intervene, how far are they willing to go?

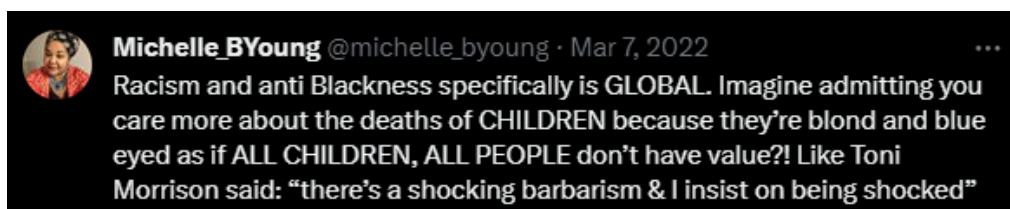
Você sabe, gás Sarin ser usado em pessoas na distante Síria, que são muçulmanos e de uma cultura diferente, é uma coisa. O que a Europa vai fazer quando se trata de solo europeu, feito com europeus? Eles vão intervir? Eles vão continuar inertes? E se eles intervirem, o quão longe eles dispostos a ir? (tradução nossa)

ANEXO B – TWEETS UTILIZADOS NA PESQUISA

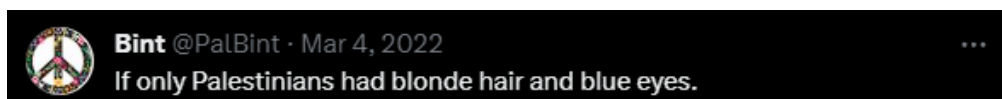
Tweet 1 – Primeiro *tweet* da *thread* criada por Alan MacLeod (usuário @AlanRMacLeod).



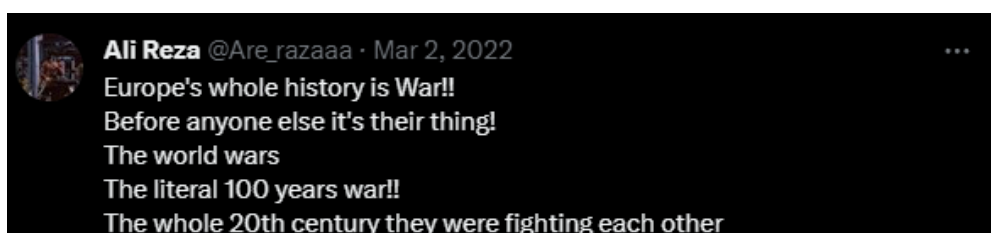
Tweet 2 – Michelle BYoung, @michelle-byoung



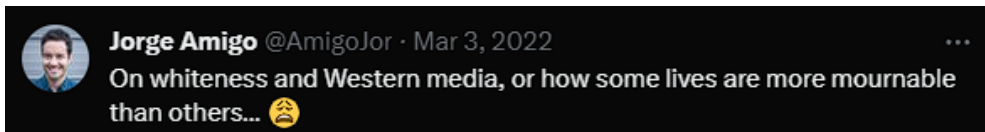
Tweet 3 – Bint, @PalBint



Tweet 4 – Ali Reza, @Are_razaaa



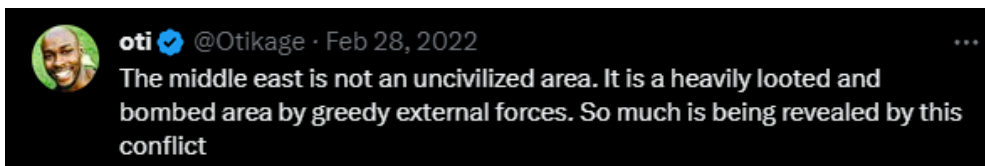
Tweet 5 – Jorge Amigo, @AmigoJor



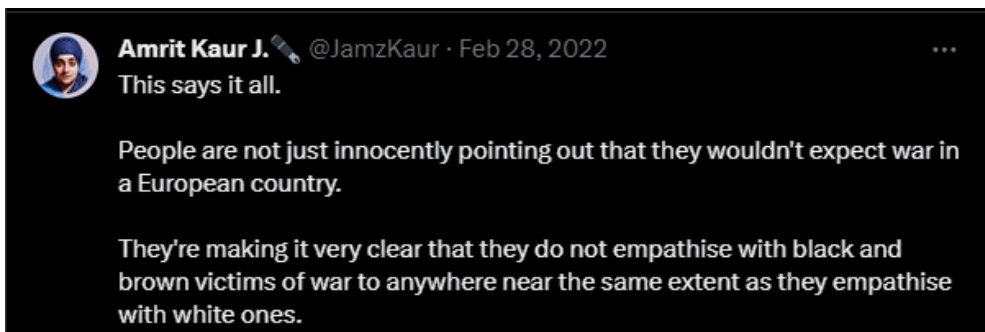
Tweet 6 – Zander, @Zanderilmagno



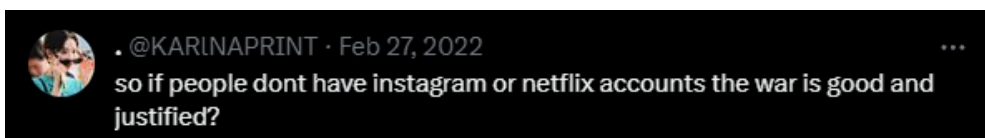
Tweet 7 – Oti, @Otikage



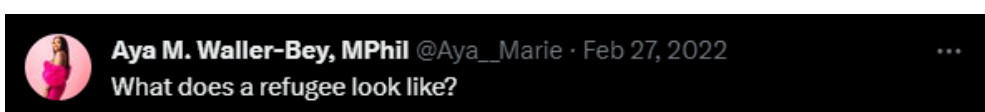
Tweet 8 – Amrit Kaur J, @JamzKaur



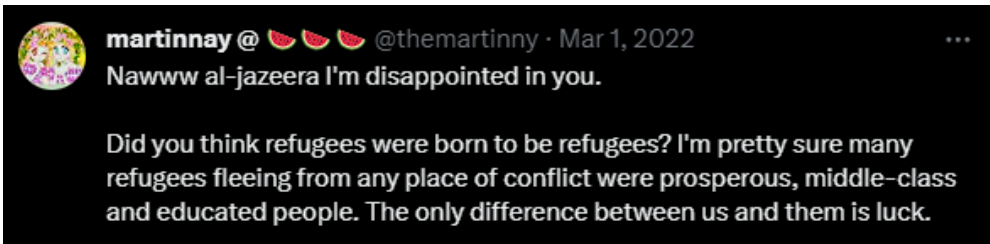
Tweet 9 – Karina, @KARLNAPRINT



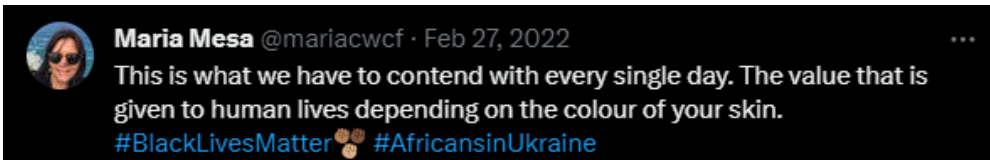
Tweet 10 – Aya M. Waller-Bey, @Aya__Marie



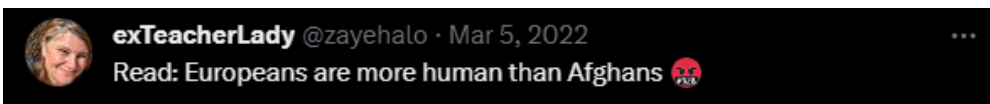
Tweet 11 – Martinnay, @themartinnay



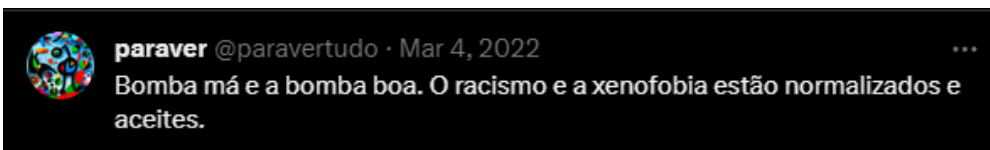
Tweet 12 – Maria Mesa, @mariacwcf



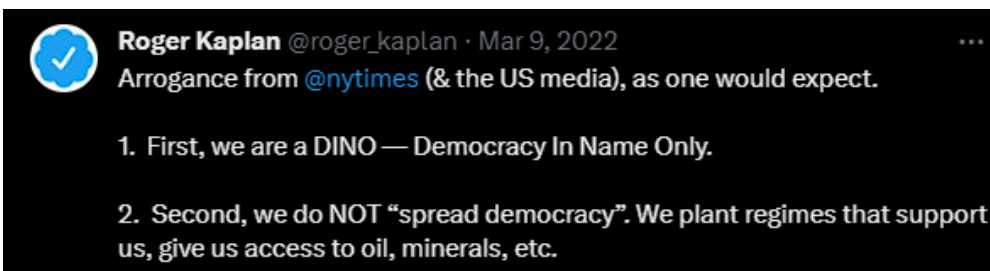
Tweet 13 – exTeacherLady, @zayehalo



Tweet 14 – paraver, @paravertudo



Tweet 15 – Roger Kaplan, @roger_kaplan



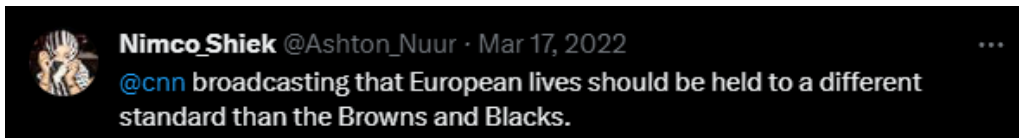
Tweet 16 – Utkarsh, @Saffronwing1



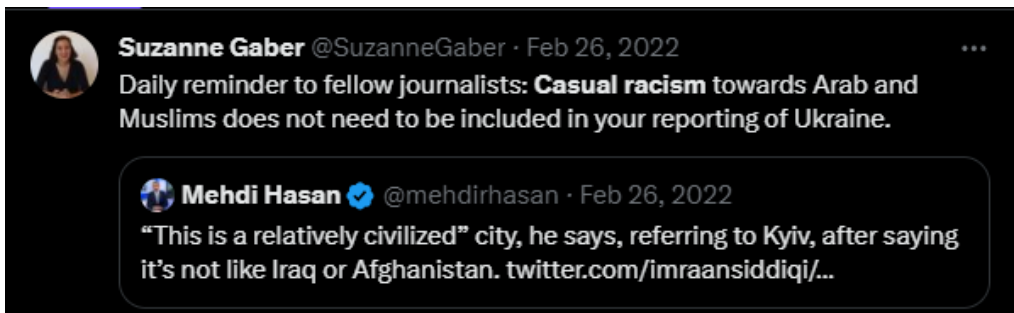
Tweet 17 – Jabroni, @minarchis1



Tweet 18 – Nimco_Shiek, @Ashton_Nuur



Tweet 19 – Suzanne Gaber, @SuzanneGaber



Tweet 20 – Chris Doyle, @Doylech



Tweet 21 – Rohal Talbot, @rohantalbot

